ANO 14.º LISBOA — QUINTA-FEIRA, 13 DE SETEMBRO DE 1934 N.º 4249

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0372 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Diario do Alentejo reclama contra o facto, que considera intoleravel, de se vender o pão naquela provincia por preço superior ao que pedem, pelo mesmo genero, por exemplo, no Algarve.

E cita, a proposito, exemplos elucidativos que demonstram a razão dos seus protestos.

Estas desigualdades não se verificam apenas no nosso país. Agora mesmo, uma boa parte da Imprensa francesa mostrou-se indignada contra os exageros de que o consumidor está sendo vitima, e que nada justifica.

Os preços de alguns artigos de primeira necessidade, sobretudo o leite, sofrem variações enormes de provincia para provincia, e até, segundo alguns inqueritos a que os jornais procederam, de localidade para localidade.

Mas o que se passa em terra alheia não pode servir, de maneira nenhuma, para explicar o caso, bem digno de atenção, que o nosso colega aponta.

* * *

UM explorador russo descobriu, na foz do rio Lena, na Siberia, um cemiterio de mamutes, esses gigantes prehistoricos que, quando muito, se podem encontrar nos museus, recompostos pela fantasia.

Eram sete, que num degelo surgiram á vista do explorador, bem conservados pela acção longinqua do frio, animais que teriam sido surpreendidos por qualquer catastrofe geologica, nas florestas da Siberia. Livres do gelo, e ao contacto do ar, as carnes dos sete colossos desagregaram-se com facilidade.

Para se poder calcular a grandeza de qualquer destes mamutes basta dizer que um dente dos gigantescos animais pesou 140 quilos.

Se por mais não fosse—o achado é respeitavel.

* * *

HITLER aparece nas fotografias sempre em cabelo. A este respeito Hitler bateu o principe de Gales, cuja cabeça ao leu o tem celebrizado mais que as suas excentricidades infantis e a independencia de hábitos, do tipo de seu avô Eduardo VII.

Hitler, porém, já não pode andar em «nu-tête», como ironizam os franceses.

O chapeu, na Alemanha, para os membros do partido nazi — é, por circular imperativa — obrigatorio.

Foi o caso que os industriais de chapelaria acusaram uma crise tremenda e começaram ha tempo a despedir pessoal. Cresceu o numero dos desempregados.

Hitler acudiu: toda a gente com chapeu.

E, para dar o exemplo, será o primeiro a cobrir-se. Esperemos as proximas fotografias do «Fuhrer» para vêr se a noticia tem fundamento.

Onde está a guerra

Onde está a guerra — ou onde pode estar...

Todos a vêem, todos a prevêem, e até os mais optimistas não encobrem a sua duvida acêrca do que será o dia de amanhã.

Os balanços mais seguros, os juizos mais firmes julgam encontrar o foco perigoso na questão da independencia austriaca, e, ainda, mais a distancia, na desconfiança nipo-sovietica.

Mas será ali que está a guerra?

Não sucede muita vez o incendio rebentar exactamente onde não estão as barricas de polvora, mas apenas onde se encontra um pó de enxofre disperso, que dá o rastilho?

Por outro lado, são rigorosamente legitimas as apreensões sobre a estabilidade da paz europeia?

Uma analise fria do panorama europeu não parece conduzir-nos a um pessimismo desalentador. Países ha que não querem a guerra, nem por ela estão ameaçados: os Estados escandinavos, a Holanda, a Espanha, Portugal, a Suiça, a Grecia, os Estados balticos, e podemos acrescentar a Belgica, a França, a Inglaterra, que só indirectamente para a conflagração poderiam ser arrastados, se se repetisse — e por esta forma não é possivel — o golpe de 1914.

A Italia, apesar das declamações militares de Mussolini, não tem interesse algum em provocar ou animar a guerra. A Pequena Entente, muito menos; tendo chegado á sua maturação nacional desejam os três paises que a compõem que os deixem firmar a sua expressão politica e economica.

A Polónia, aquietada em relação á Alemanha, pela ultima convenção a prazo de dez anos, e colocada em frente da Russia numa posição mais tranquilizadora, só quere que a deixem em paz.

Onde está a guerra, pois? No quadro dos paises vencidos em 1918: Alemanha, Austria, Hungria e Bulgaria. Ora a Bulgaria, de momento pelo menos, é tudo quanto ha de mais pacifico. A Hungria, com suas recriminações, não está em condições belicosas.

Restam, portanto, a Alemanha e a Austria. Estará na Austria — a guerra? Ela parece ser o perigo, a ameaça constante, mas irresponsavel nesse perigo. E' nesse país reduzido a pequena expressão geografica que se concentram e se entrechocam os interesses de outras potencias. A anexação á Alemanha *seria* a guerra; o protectorado italiano *poderia* ser a guerra: a Pequena Entente não suportaria esse protectorado.

Para a França a independencia da Austria é uma questão vital de equilibrio europeu, e as suas argutas fôrças diplomaticas, ligadas á Inglaterra e á Italia, manter-se-ão a todo o custo.

E quem pode provocar a quebra de independencia do velho país dos Habsbourg? Apenas a Alemanha.

Neste ponto ha que considerar que o belicoso país, que Hitler alimenta de esperanças, está a Oeste, impossibilitado de repetir o assalto de 1914, e pelo norte o pacto germano-polaco neutralizou qualquer possibilidade. Em resumo — a guerra estará na Europa Central, onde, contudo, a Italia vigia, do que deu provas ha três meses.

Para levar a Europa a uma nova convulsão é, porem, suficiente a ambição alemã de germanizar politicamente a sua antiga aliada?

Como se vê o quadro não é tão lugubre como á primeira vista parece, e se fôsse possivel anular o espirito perturbador da Alemanha — talvez nem em guerra se falasse . . .

. . . Porque a guerra não está, afinal, num país, numa região, ou numa zona — mas apenas numa intenção. Aí, é que está a guerra.

NUM artigo que publicou no excelente numero especial dedicado á Exposição do Porto pela revista «Acção Colonial», o general Norton de Matos põe a sua concepção do Imperio Português, dizendo as razões por que prefere esta designação a qualquer outra tendente a afirmar a unidade da nação.

Ao mesmo tempo, o antigo ministro da Guerra apresenta um resumo das condições que, em seu entender, considera necessarias para conseguir essa unidade.

O fim a atingir deve ser o de transformar Portugal numa grande nação que possa desempenhar a missão pacifica e civilizadora indicada pela sua posição geografica e pela sua tradição historica.

Para isso dispomos, na opinião do sr. general Norton de Matos, de meio seculo, devendo a colectividade produzir um esforço identico do que fez durante a Grande Guerra, pondo os nossos recursos ao serviço do interesse geral.

Para conseguir a preconisada unidade nacional caminham os portugueses ha quatro seculos. Esta mesma verdade historica se verifica qualquer que seja o aspecto por que criaremos esse grande principio salvador: unidade territorial, economica, de acção, etc.

A ultima parte do artigo do sr. general Norton de Matos é dedicada ao pacto colonial, aos recursos do Imperio e á doutrina geral da renovação portuguesa. Para a realização desta ultima tarefa cabe aos elementos novos da nossa sociedade o principal papel.

Eles serão os realizadores dos grandes planos que encheram os sonhos dos homens do nosso tempo, levando a cabo uma obra insigne que se encontra agora esboçada.

A nação ainda continuará a civilizar, sem desfalecimentos nem hesitações, antes com a certeza da realização que leva a afastar todos os obstaculos e contrariedades.

* * *

«LA Voz», de Madrid, resume assim a actual situação politica espanhola: «A Ceda» (Confederação Espanhola das Direitas Autonomas) retirou o seu apoio a Samper e impõe um governo maioritario francamente hostil ao espirito republicano e laico, querendo ter ministros em tal governo e não fazendo finca-pé em que Lerroux o presida, pois aceitaria a solução com Martinez de Velasco, Melquiadez Alvarez, Cambó ou o proprio Gil Robles. O principal, segundo a Ceda, é que desapareça a Reforma Agraria, que se não substitua o ensino religioso, que o Estado se entenda com o Vaticano e que se acabe definitivamente com o espirito de 14 de abril».

O mesmo jornal acrescenta que a tudo isto terão os verdadeiros republicanos qualquer coisa a dizer ainda.

TEATROS E CINEMAS

Na vespera duma "première" Amanhã, no Trindade, a revista de grande espectaculo "Lua cheia"

Definitivamente é amanhã que o Trindade faz a solene inauguração da temporada da sua Grande Companhia de Revistas, com a peça de Lino Ferreira, Fernando Santos e Almeida da Amaral, «Lua Cheia», musica de Camilo Rebocho, Raul Ferrão, Antonio Lopes e Correia Leite.

E' natural a ansiedade que se nóta no publico por esta «première».

Trata-se de um espectaculo da predilecção de Lisboa, de mais uma longa iniciativa do empresario José Loureiro e de uma exibição com fóros de sensacional, no teatro que melhores condições reune para estas exibições, sala lindissima, confortavel e moderna, e edificio amplo para reunir os publicos de duas sessões: o que entra na primeira e o que entra para a segunda nos belos salões dos três andares e ainda no «hall» e no «bar». «Lua Cheia», com o recorte das grandes manifestações de «music-hall», embora bem portuguesa, será ainda o espectaculo apropriado para os turistas que nos visitam, tão ameude, merecendo, portanto, que a gente da nossa terra para ela olhe com a sua habitual ternura, vendo, no seu conjunto, a soma de esforços e a conjugação de vontades que foi necessario reunir para fazer a sua apresentação. E, assim, além do grupo dos seus interpretes, todos portugueses, e das suas coristas-bailarinas, «Lua Cheia», como em Paris, como em Londres, principalmente, tambem um numero forte, um numero «á sensation», para empolgar, para dominar, decerto, a plateia, numero que tem um titulo expressivo, talvez dlen ario, mas que, apesar de toda a sua fama justissima, é apenas realizado por três artistas: dois homens, Jean Bouchet e Daniel, e uma rapariga assombrosa de dinamismo, Michelle, nos seus 19 anos encantadores de beleza plastica.

«Lua Cheia», realização do actual director artistico do Trindade, Lopo Lauer, apresenta-se amanhã interpretada, conforme a respectiva ordem alfabetica, pelos artistas Beatriz Costa, Georgina Cordeiro, Luiza Durão, Maria Benard, Maria Cristina, Maria das Neves, Maria Helena, Maria Matos, Augusto Costa (Costinha), Alvaro Pereira, no «compére» «Faz-Tudo»; Armando Machado e Francisco Ribeiro (Ribeirinho); dois autenticos palhaços de circo Lucien & Zetty e vinte «girls», discipulas do bailarino Janou.

"Angola Pullman"

Os filmes de Africa despertam sempre grande interesse junto do publico. Infelizmente poucos se ocupam da Africa que mais nos interessa: a Africa portuguesa.

Um cineasta francês, René Ginet, deslumbrado com as riquezas angolares e, principalmente, com a formidavel obra de engenharia que é o caminho de ferro de Benguela—que permite a viagem de Lobito a Lournço Marques com uma comodidade que nada tem a desejar á dos grandes expressos europeus—realizou um documentario em que a obra dos portugueses se evidencia claramente.

Através de imagens felicissimas, o espectador toma contacto com os produtos admiraveis da nossa acção em Angola, que, embora com outras caracteristicas, não fazem má figura ao lado das instalações belgas e inglesas, do Congo e da Rodesia, regiões que o Angola-Pullman atravessa na sua maravilhosa viagem através de Africa.

«Angola-Pullman» será apresentado em Portugal no principio da proxima epoca, pela Agencia Cinematografica H. da Costa, Limitada, que obtém actualmente o maior dos éxitos com o filme português «Gado bravo».

O comentario em português que acompanhará as imagens será feito, a convite da Agencia H. da Costa, pelo ilustre director tecnico da Exposição Colonial, sr. capitão Henrique Galvão.

Isto diz da categoria do filme em questão, e do interesse que a sua exibição vai despertar.

"Uma noiva para dois" no Avenida

Estreia-se, amanhã, no Avenida, em espectaculo inteiro, a comédia, em três actos, «Uma noiva para dois». Aquela casa de espectaculos inaugura com essa peça a temporada, que promete ser brilhante.

São 3 actos de bom teatro alegre, que vão ser proporcionados ao publico. Os espectaculos que começarão ás 21 e 45, terminarão muito antes da uma hora, com três intervalos regulares. Na interpretação entram, além de Nascimento Fernandes, Vasco Santana, Brunilde Judice, Amelia Pereira, Filomena Lima, Abilio Alves, Alberto Ghira, Gil Ferreira, Lino Ribeiro e Carlos Baptista.

Os bilhetes para a primeira representação da comédia «Uma noiva para dois» estão, já, á venda no camaroteiro do Avenida.

Atrás do reposteiro

A despeito da carta que o «Diario de Lisbo» publicou, firmada pela maioria dos artistas da companhia Ilda Stichini-Alves da Costa, esclarecendo o incidente havido entre este ultimo e o actor Joaquim de Oliveira e na qual se afirmava que o ultimo, apesar da sua atitude, seria compelido a cumprir até ao fim o seu contrato, chega-nos a seguinte e curiosa noticia, que recortámos do jornal «Lourenço Marques Guardian», de 3.ª feira, 7 de agosto ultimo:

«Pelo «Piave», seguiu no sabado á noite para a Beira, onde vai dar uma serie de espectaculos, a companhia Ilda Stichini-Alves da Costa. Ao embarque compareceram todos os artistas, excepto o actor Joaquim de Oliveira, que desertou da companhia e se ocultou em paradeiro que, até ontem á tarde segundo constava, era desconhecido pelas autoridades».

—A constituição do teatro brasileiro de declamação, no Rio de Janeiro, a que nos temos referido, fazia parte do plano de realizações sobre o teatro do Brasil, do actual presidente da Republica, sr. dr. Getulio Vargas, quando deputado ao Parlamento, vendo-se agora que este estadista se não esqueceu do seu projecto.

—Recebemos cumprimentos de despedida dos artistas Mora & Falcoff, os dois aplaudidos bailarinos que acompanham a «tournée» da companhia Eva Stachino, que hoje se estreia no teatro Ferreira da Silva em Torres Vedras.

—Para a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, na sua proxima temporada no Nacional, foi contratado o actor Antonio Sacramento que, por muitos anos, fez parte da extinta companhia Adelina-Aura Abranches.

—Encontra-se já em Barcelona, na sua excursão por varias cidades de Espanha, a actriz Irene Izidro, contratada do empresario José Loureiro, para a epoca de inverno, no Trindade.

—A grande atracção mundial que vai estrear-se no Trindade, na revista «Lua Cheia», constituida pelos artistas Jean Bauchet, Michelle e Daniel, realizadores do celebre numero «A Inquisição», iniciará ali, a serie de outras grandes atracções que a empresa deste teatro tem contratadas para virem a Portugal.

—Regressou do Porto, o empresario Antonio de Macedo, ligado presentemente ás empresas exploradoras do Apolo, Variedades e Carlos Alberto do Porto.

—Vai ser executado nos ateliers Paiva, sob figurinos de varios artistas, todo o guarda-roupa dos 23 quadros da opereta-fantasia «Miss Lisboa», com que o Apolo inaugurará, no proximo mês, a sua temporada de inverno.

—A comedia «O senhor doutor», de Felix Bermudes, Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, inaugurará a epoca de inverno do Variedades, possivelmente depois de «O Domador de Sogras», que ali vai estrear-se amanhã.

—Em virtude do alto cargo artistico que está desempenhando na Emissora Nacional, o ilustre actor Alexandre de Azevedo declinou o convite que lhe foi feito para o lugar de primeira figura masculina de uma companhia em formação.

—Em regime semi-naturista, está veraneando na praia da Cova do Vapor, o actor Jorge Gentil.

—E' possivel que a companhia Hortense Luz, na sua proxima «tournée» pelo país, haja de fazer uma larga estadia, no coração do inverno, numa das primeiras cidades do Norte, estando já em curso as respectivas negociações.

—E' hoje finalmente, que se realizam no Variedades, as ultimas representações, em duas sessões, da comedia «A Bisbilhoteira».

—Talvez como «mascotte» para o futuro da sua epoca teatral, numa casa de espectaculos de Lisboa, ao iniciarem-se os seus trabalhos, deu-se ha dias, uma cena de pugilato, algo violenta, entre um artista da companhia e o seu director de bailes.

—Haja alegria!—é o grito que parece ouvir-se no Luna Parque, entre todas as suas famosas diversões nacionais e estrangeiras, e onde hoje, na noite popular a 1$50, as pessoas que comprarem o respectivo bilhete de entrada terão direito a gozar, gratuitamente, uma das suas magnificas atracções.

—Numa festa de beneficencia que ha dias se realizou no Gerez, promovida pela Liga de Defesa do Gerez e dos seus aquistas, prestaram gentilmente o seu concurso as distintas actrizes Dina Tereza e Adelina Forte, que levaram a sua amabilidade ao ponto de consentirem que os seus retratos fossem leiloados a favor dos pobres. As duas fotografias renderam dois mil e setecentos escudos.

—Recebemos cumprimentos de despedida do actor Celestino Ribeiro, que faz parte da «tournée» Eva Stachini.

A morte da tartaruga

E' explicada a sua causa

A morte da tarturuga, poucos dias depois de pescada, causou surpresa, levando um distinto medico a procurar as causas.

Averiguou, afinal, que a morte foi devida ao desgosto que sofreu por lhe não terem dado a beber o café d'"A Mariazinha".

Cumprimentos

Deu-nos o prazer da sua visita, amabilidade que agradecemos, o sr. Eduardo Nunes, redactor do «Diario da Madeira».

Crime de fogo posto

Regressou do Alentejo o agente Almeida, da P. I. C., que ali foi tratar do caso de fogo posto na eira da herdade de Montinho, em Vilalobos, conseguindo prender o autor do crime, que foi o proprietario da referida eira, o qual causou prejuizos de mais de cem contos com o fim de receber da companhia seguradora a quantia de cinquenta e quatro mil escudos.

Roubo de mala com sedas

O agente Toscano, da P. I. C., prendeu esta madrugada, no Casal Ventoso de Baixo, um individuo de nome Adelino Carolino da Conceição, autor do roubo duma mala com sedas e outros objectos, no valor de alguns milhares de escudos.

TIVOLI
GADO BRAVO
O FILME PORTUGUÊS POR EXCELENCIA
2.º mês - 6.ª semana de exibição
Exclusivo e distribuição da Agencia Cinematografica H. da Costa L.da

UMA ATRACÇÃO GRATIS
a quem comprar hoje para o
LUNA-PARQUE
o bilhete de entrada que
CUSTA APENAS 1$50!
Um conjunto de diversões nacionais e estranjeiras como nunca houve em Portugal!

VARIEDADES
Hoje — Duas Sessões — A's 9 e 11 h.
Despedidas de
A Bisbilhoteira
AMANHÃ:
O Domador de Sogras
grande criação comica de ADELINA ABRANCHES

BOLSA DE LISBOA

13 de setembro

CONTADO

VALORES	Efec'uado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923			
convert. em 4 3/4 % 1934	1.108$00	1.107$00	1.109$00
Consolidado 5 1/2 % 1933	1.049$00	1.048$00	1.049$00
» 4 1/2 % 1933	976$00	975$00	976$00
Externo 3 % 1.ª Serie ..	1.595$00	1.595$00	1.597$00
» 3 % 2.ª » ..	1.660$00	1.660$00	1.680$00
» 3 % 3.ª » .	—	1.597$00	1.602$00
Emp. 4 1/2 % 1912	—	—	—
» 6 1/2 % 1928-Madeira	—	—	—
» 6 1/2 % 1930-Consol	520$00	518$00	518$50
» 6 3/4 % 1930-Portos	530$00	528$00	532$00
» 6 % 1932	1.020$00	1.018$00	1.022$00
Acções			
Bancos			
Comercial de Lx.ª port.	—	450$00	—
Lisboa & Açores, » .	—	577$00	580$00
Portugal » .	—	1.048$00	1.054$00
Espirito Santo	—	—	—
C.ias de Seguros			
Bonança	645$00	610$00	650$00
Fidelidade................	—	—	—
Mundial	—	165$00	—
Nacional	—	621$00	625$00
Sagres	—	930$00	—
Tagus.....................	—	630$00	—
C.as diversas			
C. P. ordinarias..........	85$00	85$00	100$00
» » previlegiadas.....	—	—	—
Aguas de Lisboa, port..	—	535$00	—
Cerveja Estrela.	—	241$00	245$00
Cimentos de Leiria......	—	560$00	576$00
Credito Predial	21$70	21$70	21$80
Gaz e Electricidade.....	274$00	274$00	274$50
Navegação	—	66$50	68$00
Portugal e Colonias....	—	67$00	67$50
Portuguesa de Pesca ...	—	141$00	145$00
» de Tabacos.	376$00	375$00	377$00
Tabacos de Portugal ...	311$50	311$00	312$00
Tabaqueira	540$00	535$00	545$00
União Electrica Portug.	179$00	178$00	180$00
Coloniais			
Assucar d'Angola	—	390$00	395$00
Busi—1.ª Emissão........	35$30	35$30	36$00
» —2.ª »	—	—	—
Ilha do Principe	131$00	130$00	133$00
Obrigações			
C. P. 6 o/o..............	445$00	443$00	446$00
Prediaes 6 o/o—1932 1.ª.	88$50	—	—
» 7 o/o............	—	117$00	118$00
» 8 o/o............	91$30	91$20	—
U. Electrica Port. 7 1/2.	—	124$00	—
Busi 9 o/o...............	—	—	170$50

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$05	110$20
Paris	1$46,6	1$46,8
Madrid	3$04,1	3$04,8
New-York	21$97,1	22$00,1
Zurich	7$26,1	7$27,1
Roma	1$90,8	1$91,1
Bruxelas	5$22,6	5$23,3
Amsterdão	15$67,5	15$69,5
Berlim	8$86,0	8$87,2
Praga	$92,4	$92,6
Rio de Janeiro	1$56,1	1$56,5
Libra ouro	—	—

HERNIA

A Hernia, como todos sabem, é uma enfermidade gravissima, que, descurada, pode produzir a estrangulação seguida de morte.

Sem necessidade de operação e sem que tenha que abandonar um unico dia o seu trabalho, afirmo que o meu metodo—resultado de muitos anos de pratica em Paris, Viena, Berlim e Milão—**desaparecerão todos os perigos** que a vossa hernia apresenta.

Especial confecção de **fundas** para **Hernia umbelical, rins deslocados** (Cinta de Glenard). **Hernia epigastirica** para quebraduras e todas as **deformidades do abdomen, mesmo** para as crianças.

Especial confecção de fundas por medidas para a estetica das senhoras e para a obesidade.

O em. Esp. Ortopedico diplomado Sr. Constantino Azzarelli recebera gratuitamente na Rua dos Fanqueiros, **235, 2.º**, Esq., desde 13 até 23 de Setembro, das 9 ás 13 horas e das 15 ás 19, e no Domingo, das 9 ás 13 horas.

Edições da "Renascença Grafica"
RUA DA ROSA, 57, 1.º
Telefefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273
PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO.
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO..., por NORBERTO LOPES.
O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES.

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por Norberto de Araujo

O nosso tempo

Uma das funções livres — chamadas liberais — mais dificil de exercer, hoje, é a do jornalismo.

Não se suponha que nos queremos referir ás peias oficiais ou áquelas que, mesmo dentro dos jornais, as circunstancias impõem. Não.

Por arrojado que pareça — isso é o menos.

Vamos directos ao fim, para evitar equivocos: não é a carencia de liberdade que nos deve entristecer. Essa pode até servir de desculpa.

Se um homem não pode caminhar até ali, porque ha uma vedação, ele fica certo ao menos de que tinha pernas para ir até lá.

Aborrece. Ponha o leitor inteligente outro vocabulo que mais lhe agrade em vez de «aborrece». Mas não nos desmoraliza; não nos leva o respeito de nós proprios por nós proprios. (E este é que é o grande respeito, e ai de nós se ele sucumbe).

O que custa, o que confrange é reconhecermos que mesmo sem peias, desta ou daquela origem, coerciva ou convencionalmente voluntaria — a *gente nunca pode escrever a verdade*. Nem mesmo num jornal onde nós sejamos senhor unico e executor livre.

E não é por fraqueza, por incapacidade, por covardia. Ainda se fosse por isso, qualquer de nós reconhecia que era um patife ou um idiota, na alternativa de aceitarmos que seriamos tanto jornalista como sômos, por exemplo, negociantes de opio.

E' que o tempo de hoje, pela inteligencia que obriga, pela moral que fiscaliza, pelo respeito mutuo, e até por paradoxal espirito de justiça — impõe comedimento.

Ah! O mais facil é escrever «á bruta». Ha dezenas de candidatos ao jornalismo que clamam: «se eu um dia tivesse um jornal meu!».

Esquecem-se de que jornalismo é (ou deve ser) disciplina. E a pena, de certo modo, mesmo manejada num momento de razão imperativa, é uma arma.

Não se deve dar uma arma a um inexperiente simpatico e sincero pelo mesmo motivo por que se não dá uma garrafa de vinho a uma criança com sêde.

E porque sucede isto? Já o dissemos acima: nem é por fraqueza nem por incapacidade propria. Por espirito de justiça.

E' impossivel reagir. Não devemos mesmo reagir. Os interesses em crise a colectividade de que fazemos parte, sobreexcitada e desorientada, este periodo universal (que nós supômos só português) e melindroso como o de uma femea em transe de parto; todo este incerto viver das classes, da vida em gestação, da alma humana sem saber ao certo o que é o dia de amanhã (até para comer) nos impõe esse sacrificio de um comedimento consciente e grave, que merece algum respeito, mais do que a facil admiração produzida pelo quixotismo mistico dos «desassombrados».

E de vez em quando olhamos para nós proprios e consideramos: «sou um cumplice da mentira convencional».

Não somos, afinal. Praticamos um acto imperativo na nossa vida fugaz.

Passou o periodo dos Napoleões e dos Rocheforts.

Escrevo para os meus oito leitores fieis, e creiam que o jornalismo pode estar neste momento representado por mim, modestamente mas num arranque de consciencia ferida: a nossa geração, eu, dez, cem, uma classe inteira por toda a parte, faz á humanidade, ao interesse colectivo da grei nacional a que pertencemos — o sacrificio da sua prosapia, para beneficio da geração que nos suceder.

Mentir — não. Mas gritar improperios, ainda que aparentemente justificados, tambem não.

«O que eu queria era ter um jornal meu por vinte e quatro horas, e vocês haviam de vêr a verdade toda ali escarrapachada» — isto se ouve a cada passo. A verdade politica, a verdade literaria, a verdade social...

Não são jornalistas, estes; nem sequer panfletarios. Nem sequer idealistas. Nem sequer martires.

Um policia não prende toda a gente só porque tem uma farda, um cacete, o genio insofrido.

Um jornalista não escreve «tudo», e não o deve escrever porque este «tudo» ao que menos aproveita é á verdade. O jornalista é um pouco medico social (ou deve sê-lo). Ora «isto» está tudo doente.

★ ★ ★

E o que seria afinal a Verdade?

Aquela que a gente trás em nós. Não entremos na filosofia escolastica: ha verdades que se vêem (a chuva) e verdades que se interpretam (a justiça).

Basta *apontá-las*. Dizendo onde está a nossa verdade condenamos a mentira alheia.

Quem, no campo objectivo, nos garante, num regime de livre exame e desenfreada carreira da pena, que *hoje as cousas são como parecem?*

E' que o ambiente, condicionando as realizações, limitando-as ou asfixiando-as — é o criador de todas as cousas á superficie.

O seculo XX, nesta sua terceira decada, é como um campo onde se tivesse levantado uma densa nuvem de poeira. Ela invade tudo; todas as superficies, as meninas dos nossos olhos.

Aquela limpidez imaculada que dava aos homens visão clara, que voluntarizava as nossas atitudes, e *por ela nos tornava responsaveis* — perdeu-se.

Hoje, tudo interdepende. Quem nos garante que se amanhã violentamente condenarmos certa obra, acção ou pensamento, não condenamos afinal o nosso proprio pensamento, acção ou obra?

Se sômos uma celula, se tudo depende entre si, por fatais leis da comunidade, de que sômos individuos responsaveis só para sofrer — como nos alhearmos, numa jactancia comodoma, de uma cousa que supômos mal, e que ajudamos a fazer — quem sabe?

* * *

A revolta é o maior direito do homem. E'. Ela tem o seu padrão em toda a vida fisica. O que será tremor de terra senão uma revolta?

Mas revolta-se mais «e melhor» aquele que mais grita, apregoando a mentira, que vê, ou que julga vêr, onde está ás vezes apenas um tributo do autor ao seu tempo?

Nem a resignação, nem a passividade, e muito menos a capitulação, são cousas que se possam confundir com este sacrificio inglorio, que todos fazemos todos os dias, das nossas opiniões, do nosso «talento»—oh! talento que te quero vêr!—da nossa popularidade barata.

Compra-se dez réis de ceu com uma esmola de tostão (porque a moeda está desvalorizada), e compra-se a popularidade com duas brutalidades intempestivas, que nos dariam jus á classificação de «tipo muito desassombrado» e ao aperto de mão de dois hipocritas quaisquer.

Mas tudo isto é uma mistificação.

Ao homem de hoje dentro do meridiano do seu tempo (esta frase agora está na moda) cumpre agitar ideias e não insultos.

Cumpre estabelecer a nossa verdade mas não andar á cacetada á verdade, que aos outros *foi possivel* construir.

Um facto, que nos desagrada, pode merecer o latego da nossa critica; mas merece mais a nossa lastima, e ás vezes mesmo— até o nosso respeito, pela intenção que o ditou.

Estas cousas que eu escrevo hoje em conversa amena não são prematuro ou por uma prudencia social, comoda como um canapé da Academia dos Generosos.

Nem sequer pelo sentido pessoal do que deva ser hoje o jornalismo do espirito.

Dita-as, exactamente, o amor á Verdade, o desgosto de termos que a ladear, o sentimento, que creio justo, de um equilibrio indispensavel—talvez historico—do dever e do direito.

E foi esta Pagina sugerida por uma carta de um leitor—que certamente virá a ser o nosso fiel —que me acusava de me acomodar aos factos de fazer literatura e não critica, de recrear e não de castigar.

Se cada homem na vida tem uma atitude mental perante o exterior, e se essa atitude implica a ideia de uma barricada—eu não arrédo pé.

Todas as ideias que entroncam a beleza e a perfeição, e são, pelas formas do conceito proprio, a sigla do individuo—que vão da arte á politica do real ao subjectivo, do alheio ao intimo—constituem um sacramento, o sinal de uma religião.

Nos que muito gritaram ou juraram sobre a ara sagrada se recrutam renegados.

Este sentido calmo do que deve ser o jornalismo que eu, pelo menos, quero e devo fazer, é uma afirmação da vontade, que procura livrar-se do contagio da injustiça.

Não para ter mais brilho.

Mas para ter alguma autoridadade.

★ ★ ★

Antero de Quental — é um tema eterno para estudiosos, para criticos, para homens de letras. E' já grande a sua bibliografia; multiplicam-se acêrca da sua vida, os ensaios e as conferencias. Em todas elas é o «filosofo» que avulta, o filosofo que atrai, sob as formas do pessimismo, da descrença e até dos idealismos sociais.

Agora Bourbon e Meneses, numa conferencia de indiscutivel relevo, analisou a figura de Antero, par e passo nas suas expressões. Mas foi ainda o «filosofo» que veio á superficie.

Tenho de mim para mim, e desde ha muito, e cada vez mais, a impressão de que Antero foi — um Poeta, um extraordinario Poeta, um «santo homem», e nada mais.

A sua alma, que não foi trivial, condensou-se em poesia. Foi filosofo; mas filosofos são todos os poetas grandes, que cantam de dentro da sua alma para o mundo exterior.

Na sua obra pode, sim, haver filosofia — e filosofia é a duvida — mas ha beleza, e essa beleza traduzida é que é a expressão maxima da obra de Antero, e, logo, da sua figura.

Porque meditou, porque pensou no alto, porque descreu, porque se matou — como tantos — Antero ão é uma figura grada, embora seja de apaixonar o seu episodico caso humano.

O Antero grande — é o Poeta. Apenas este.

* * *

Fui vêr o *Gado Bravo*, como fui vêr a *Severa* e a *Canção de Lisboa*. Fui vêr com o cuidado, com a atenção que nós, apaixonados das nossas cousas, e sinceramente desejosos de que as iniciativas isoladas se não estiolem no fogo da improvização — devemos acompanhar o trabalho alheio.

Não me sobra competencia, e falta-me em muito entendimento tecnico.

Mas sou um espectador leal, desinteressado (alheiado é melhor) do tumulto intimo dos estudios.

«Gado Bravo» — cuja critica está feita — excedeu a minha espectativa.

Está — muito bem.

Se nestes anos mais proximos nos estudios portugueses se não produzisse nada mais sério — já estava bem, já estava suficiente.

E' perfeito, completo, indiscutivel o *fonofilme?*

Ai senhores! Não falemos nisso, nem hoje, nem amanhã. Nesse aspecto são significativas as desilusões que nos mostra o cinema caro, o super-filme estrangeiro.

Não podemos ir além do relativo, no quadro das nossas possibilidades. E é neste estado de espirito que consideramos o *Gado Bravo* um exito consolador, uma afirmação de valores positivos, a andarem para a frente, com a estrela da fé ao alto.

No cinema — hoje — não ha estrangeiros. O trabalho estrangeiro, o homem e a maquina, naciolizam-se.

Basta que o espirito da obra seja «nacional», mas capaz de todo o mundo a entender. E este requisito, possui-o o *Gado Bravo*.

As formidaveis experiencias de *Lisboa* e da *Severa*, desta ultima principalmente, a tentativa mais palida, mas não menos esforçada da *Canção de Lisboa* — frutificaram. O *Gado Bravo* subiu gradualmente, embora sem os passos deliciosos da obra de Leitão de Barros, sem o seu penetrante encanto lirico, mas seguramente com maior sentido do cinema moderno, mais largueza, mais luz. Antonio Lopes Ribeiro firmou-se.

Agora esperemos, com alvoroço, as *Pupilas do Sr. Reitor*, nova esperança e a um tempo certeza consoladora de que não se pára neste arduo caminho do cinema português — feito mais de nervos, de inspirações do que de dinheiro e de estimulos — unico cinema que vale a pena opôr ao Teatro — esse teatro com T maiusculo, arte unica, que se deixou cair — para sempre? — ante a ditadura oportunista da maquina.

NORBERTO DE ARAUJO

Depressa...
o APYROL

Este maravilhoso produto científico suprime imediatamente a dôr das queimaduras, causadas pelo fôgo, sol, etc. Cura-as e evita que empolem. Igualmente eficaz nos golpes e contusões.

Apyrol
REGENERA E VITALISA A PELE

HAVAS

Dep. excl.: Raul Vieira, Lda., Rua da Prata, 51, 3.º — LISBOA

ACOMPANHANDO OS PROGRESSOS DO IMPÉRIO

Vista parcial das instalações em Santo Amaro — Lisboa

EM BENEFICIO DA ECONOMIA NACIONAL

INSTALAÇÕES DA VACUUM EM SANTO AMARO, LISBOA

(De cima para baixo)

O s/s «Malange», da Companhia Colonial de Navegação, recebendo carga para as Colónias

Fabricação mecânica de caixas para acondicionamento de latas

Enchimento automático das latas de gasolina

A Vacuum assegura o fornecimento regular da Africa Ocidental Portuguêsa em combustiveis, proporcionando trabalho a numerosos portuguêses que, na Metrópole, se ocupam no fabrico de caixas e latas dos seus produtos.

Além disto, todas as suas exportações para as Colónias são feitas em navios portuguêses.

INSTALAÇÕES DA VACUUM EM SANTO AMARO, LISBOA

(De cima para baixo)

Fabricação em série de latas para gasolina e petróleo.

Enchimento automático de barris.

Soldadura de latas para gasolina e petróleo.

ONDE HA PROGRESSO HA PRODUTOS VACUUM

1332

VACUUM OIL COMPANY, INC.

Bilhetes

Abaixo a Histo.ia...

Que a Historia—com maiuscula na devida homenagem—seja a Mestra da Vida ninguem o ousa negar, tanto mais que todos o asseveram até principalmente aqueles que nunca o seu curso regular seguiram. Que ela diga, ensine a perfeita «verdade» resta averiguar, começando-se por saber o que seja a «verdade», mesmo a testemunhal, já muito desconhecida e vacilante, desde o tempo da pregunta do pretor Poncio Pilatos...

E um reputado inquiridor, André Maurois—subida inteligencia, perito literato—ainda, ontem, vem, em curioso o interessante depoimento, apresentar contra ela um libelo muito desprestigiador e que até lhe tirará os bons fóros, por menos crédulo que se seja, por menos importancia que ás dissertações literarias se ligue.

Pretendendo reconstruir um facto dos mais notaveis da historia colonial de Inglaterra (a entrevista de Ischel), passado no tempo do rei Eduardo VII—de cuja vida aliás ele já publicou um belo livro, no qual, tambem, se encontram curiosas referencias a personalidades portuguesas—foi consultar duas pessoas que nele tomaram parte e como actores desempenharam o principal papel, apesar de nacionalidade, diferente, um inglês e um hungaro.

Cada um deles lho contou, mesmo na essencia, diferentemente, contraditoriamente, confessando, contudo, e não se pode duvidar, a sua sinceridade e fidelidade na narrativa, chegando-se, por isso, só a dever-se concluir, precisar que o facto se deu: o resto a demonstrar, verdadeiramente — «que não ha uma só verdade».

Versões que não se adicionam, que se anulam. Igualdade de lembranças, nunca! Sempre deformidades.

E por estas e por outras razões que os que procuram sinceramente a «verdade» a vêem sempre a fugir-lhes. Existe ela, a geral? E então o que será a decantada verdade historica? A que se encontra escrita? Além de raramente imparcial, cada um que no-la conta a seu modo, encontrando nela, com efeito, argumentos verosimeis para justificar certas preferencias pessoais.

Quando a gente se lembra que ao estudá-la achamos-lhe sempre antagonismos; e isto nos mais sérios, como Carlyle e Mauculay, na mesma cronica fornecendo maximas opostas. No nosso Alexandre Herculano, em Oliveira Martins. E que os sucessos passam imediatamente para a memoria e ai envolventes brumas tiram a precisão a tudo, deixando ao cepticismo o principal lugar...

No entanto, essa descrença não deve levar á incrudelidade ou empurrar o estudioso observador para o abandono das suas investigações. Um conhecimento imperfeito do passado sempre será melhor, mais util que uma ignorancia total; por outro lado é concebivel a parcialidade de que sofrem os assuntos por muitas outras deficiencias nada corrigirem. Por isso, bem diz o historiografo Maurois e com ele por certo todos concordarão: «a disciplina historica não garantirá a descoberta da verdade», como aliás, tambem «a disciplina militar não provará infalivelmente a vitoria». Mas, sem uma a justiça é inevitavel, como sem a outra a derrota».

O pior de tudo, porém, é que M. Paul Velery—um dos academicos franceses mais em moda de citação e que ha pouco prefaciou brilhantemente a cronica do eminente estadista português Salazar, escreve algures: «Considero a historia como um perigoso divertimento e como uma grande mestra de êrros».

Razão lhe dê quem queira, tanto mais que o maldizente filosofo, tambem sabedor da ciencia dos numeros, é agora seguido pelo não menos reputado Julien Benda, desmentindo a asserção corrente de que «os mortos falam» e a exortar que «nem a Historia governa, nem nos devemos deixar governar por ela»...

JOSÉ PARREIRA

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

A linha de Sintra

Algumas considerações oportunas

Nunca é demais falar nestas coisas, e isto não ofende ninguem, nem pode sequer ser tomado á conta de remoque seja para quem fôr. A população lisboeta, mal chega a canicula, procura fugir ás inclemencias da capital, indo buscar aos arredores o ar puro e o fresco agradavel e saudavel que Lisboa lhe não dá. E vai para a linha de Cascais, de Vila Franca, ou de Sintra. De Cascais nós falemos. Modernizada, com suas ligações a tempo e horas, se algumas deficiencias tem, são tão poucas que nem vale a pena falar. De Vila Franca nada sei, e do que não sei justo é que nada diga. Falemos, portanto, da linha de Sintra, que, sendo das mais frequentadas, é das que mais deficiencias oferece. As suas populações lutam com falta de comunicações, de iluminação, de estradas e de agua. Parece que, com um pouco de bôa vontade de todos, quasi tudo isto teria remedio facil, e, tanto quanto possivel, rapido. Vejamos como, e comecemos pelo principio.

a)—**Comunicações:** — Não se deve ocultar que os comboios da linha de Sintra obedecem a uma tarifa satisfatoria. Mas o seu respectivo horario é péssimo. Em primeiro lugar dá-se uma duplicação de comboios que toda a gente reputa infeliz: são os de Queluz, que com um pouco de esforço ha muito deviam ter, como estação «terminus», o Cacem. Assim dividir-se-ia a linha em duas zonas: uma Lisboa-Cacem e outra Lisboa-Sintra. Isto dava como resultado que os da 2.ª zona seriam rapidos até ao Cacem, indo de Lisboa, e rapidos do Cacem a Lisboa, vindos de Sintra. Dois novos apeadeiros deviam ser abertos ao publico: um na confluencia da linha de oeste com a linha de Sintra, servindo já hoje varias povoações, como Meleças, Tala, Titares, Baratã e outras, e proporcionando «in loco» uma futura povoação agora incipiente; e outro em Sintra antes do tunel, na passagem de nivel da Estefania onde mais tarde em vez de um simples apeadeiro ficaria bem uma grande estação, cujo movimento pouco inferior seria ao de Sintra e serviria á maravilha a Granja do Marquês, Morlena, Pero Pinheiro, e a propria praia da Ericeira, que teria ali melhor acesso. Uma obra se impõe desde já á C. P.: a construção de um apeadeiro em Rio de Mouro, substituindo o inestetico alpendre que hoje lá existe. A esse apeadeiro deve a Companhia, por uma questão de justiça, denominar «Rio de Mouro-Rinchôa», visto ser este povoado já hoje quem mais passageiros lhe fornece. Uma outra exigencia se faz mister atender: a iluminação electrica de todas as estações e apeadeiros, coisa que ainda hoje se não dá, em muitos casos, como por exemplo em Barcarena, sem explicação possivel.

b) — **Iluminação:** — Neste capitulo muito se tem feito já, mas muito ha, ainda, por fazer. Ha povoações como Rinchôa, Mercês, Algueirão, que têm a electricidade quasi á porta, e não têm iluminação electrica. Não errarei grande coisa se afirmar que estas povoações já hoje compensam, de verão e de inverno, a montagem respectiva.

c) — **Estradas:** — Com pouquissima coisa se remedeiam as faltas existentes. Em primeiro lugar torna-se indispensavel fazer a ligação entre Campolide e a estação, obrigando a Companhia dos Electricos a fazer o seu «terminus» de linha no final dessa nova estrada, junto á estação, no que não perde nada, porque terá como passageiros muita gente que hoje vai ao Rossio, e, se isso estivesse feito, lá não iria, poupando tempo, dinheiro, e não sofrendo a maçada formidavel do tunel. Ha que consertar a estrada de Rio de Mouro, desde o desvio ao Algueirão que se encontra em misero estado, e representa, tal como está, um perigo. Este conserto é urgentissimo se se quizer salvar uns restos da antiga estrada já quasi toda no casco. Seguidamente, e com vantagem, ligar o Cacem a Meleças junto á linha, a entroncar na estrada de Sintra, e servindo o novo apeadeiro do entroncamento de oeste com a linha de Sintra a que acima faço referencia.

d) — **Agua:** — Neste capitulo, o que se passa em quasi todos estes lugarejos e povoações, é uma miseria. Ou não têm agua, ou têm-na inquinada, o que é pior. Tambem o caso se resolve com relativamente pouco dispendio. Umas fontes que se limpam, outras que se abrem de novo, e algumas fossas que se fiscalizam e mandam consertar porque estão rôtas. Podia citar factos concretos. O ano passado, numa só povoação, houve 7 casos de tifo. Este ano, de que eu tenha conhecimento, ha 2 numa povoação importante e 3 naquela onde se deram os 7 mencionados.

Eis aqui, «grosso modo», alguns dos principais defeitos da linha de Sintra, que bem merece, pela sua situação, pela inumera gente que já a habita, pelos seus optimos ares, os melhores dos arredores de Lisboa, pela sua agua, quasi toda finissima, que lhe dêem um pouco mais de conforto e de bem estar sob os pontos que acabo de expôr.

JOÃO PAULO FREIRE

CAIXA DE PREVIDENCIA

do ministerio da Instrução Publica

Os associados da C. P. M. I. P. vêm constatando o seu crescente desenvolvimento, consequencia de uma boa organização e de uma administração honesta a que tem presidido, desde a sua fundação, a prestigiosa figura do professor e actuario sr. dr. Santos Lucas.

Concluido o calculo das reservas matematicas e balanço referentes ao ano economico findo verifica-se que estavam inscritos nesta Caixa, em 30 de junho ultimo, 7.655 socios, com um capital subscrito de 78.573 contos e que a respectiva cotização anual é já de 1.499.431$80.

A distribuição de beneficios feita por esta Caixa atingiu já a importancia de 1.500 contos.

As festas do Senhor da Piedade

em Elvas

ELVAS, 12.—De 20 a 30 do corrente, realizam-se em Elvas as afamadas festas ao Senhor Jesus da Piedade. A imagem do Crucificado que se venera nesta praça, encontra fervorosa devoção não só no país, especialmente em todo o Alentejo, como na propria Espanha, e ainda em junho deste ano vieram de Madrid ao santuario de Elvas, os filhos do presidente Alcalá Zamora, no cumprimento de um voto. Durante os dias de festa, lindas mulheres espanholas acorrem á Piedade, vindas de varias terras da nação vizinha.

Em Olivença, a antiga e bonita terra que foi portuguesa, só ficam os velhinhos e enfermos que não podem fazer a caminhada, na peregrinação ao Nosso Senhor da Piedade, como eles dizem na sua linguagem simples.

NOTICIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 12.—Decorreram bastante animadas as festas do S. Paio da Torreira, com farta concorrencia, superior á dos anos anteriores.

—Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado conterraneo, director da «Renascença Grafica», sr. Alfredo Vieira Pinto, que aqui chegou com sua familia para gozar uns dias de descanso na sua terra natal.

—Tambem se encontra aqui o sr. dr. Manuel Barbosa com sua familia, a veranear na Torreira, bem como seu sobrinho sr. Carlos Barbosa, filho do sr. dr. Carlos Barbosa.

—Começaram as vindimas neste concelho com resultados optimos. Os milharais já começaram a sofrer tosquia, sendo deminuto o seu rendimento, para o que muito contribuiu o verão sêco que tivemos.

MATRICULAS

Está aberta, no Liceu de Passos Manuel, a inscrição no semi-nternato para os alunos das 1.ª e 2.ª classes.

Os alunos que frquentarem o semi-nternato almoçam e lancham na cantina e preparam as suas lições em salas de estudo dirigidas por professores.

—Os antigos alunos da Escola Comercial de Ferreira Borges e os alunos de qualquer outra escola que a desejem frequentar, devem apresentar-se no mais curto prazo, na secretaria desta Escola, rua da Creche, 29, ao Calvario.

—Abriu ontem, na Escola de Patricio Prazeres, a matricula para alunos, ás 14 e ás 20 horas, respectivamente para os cursos diurno e nocturno. O prazo termina a 20 do corrente.

Desportes

A sede do União

A nova séde do União Foot-ball Lisboa, instalada no palacio Alarcão, na calçada de Santo Amaro, vai ser inaugurada solenemente no proximo domingo.

O União é um dos clubes lisboetas que mais trabalham, tentando impôr-se, o que já conseguiu, e produzir obra util.

A inauguração da sua nova séde deve servir para reunir á volta da direcção daquela colectividade não só os valores do clube, como ainda todos aqueles que não escondem a sua admiração pela agremiação santamarense. Mas o acto de domingo tem ainda um alcance muito simpatico: serve para prestar sentida homenagem ao sr. marquês de Vale Flor, grande protector do União.

A inauguração da nova séde terá desusado brilho e relêvo, devendo assistir o sr. residente da Republica, alguns membros do governo e representantes de Federações, Associações e Clubes desportivos.

* * *

Da comissão executiva do Colegio de Arbitros recebemos a seguinte comunicação:

«A comissão executiva do Colegio de Arbitros da Associação de Foot-ball de Lisboa acaba de concluir o relatorio da sua gerencia, 1933-34, por onde se avalia claramente o movimento da arbitragem lisboeta.

Logo que o relatorio esteja editado e distribuido, a comissão executiva pedirá ao presidente da assembleia geral a convocação imediata da respectiva assembleia ordinaria».

* * *

Os clubes lisboetas, com a época á porta, lembram-se dos seus «teams», procurando treinadores capazes para os seus grupos.

O Sporting vai ser preparado pelo seu antigo jogador e conhecido treinador, com provas dadas em Portugal e Espanha, sr. Filipe dos Santos.

O Benfica, que esteve em negociações com o sr. Rodolfo Jenny, acabou por se decidir pelo seu antigo elemento e treinador, sr. Vitor Gonçalves.

O Belenenses continua entregando-se á experiencia e conhecimentos do inimitavel médio-centro, sr. Artur José Pereira.

O União receberá este ano, como na época passada, as instruções do grande «internacional» sr. Jorge Vieira.

O Barreirense recorreu ha tempos, novamente, ao sr. Augusto Sabo, jogador dos primitivos tempos do nosso «foot-ball», e conhecedor profundissimo da materia, que assim se tem revelado teorica e praticamente.

O Casa Pia tem, agora, um guia seguro e tecnico de reconhecido saber, sr. Candido de Oliveira, o que decerto se reflectirá na actuação casapiana.

O Carcavelinhos, com optima «materia prima», é o unico que ainda não se resolveu sobre o assunto—treinador. Mas deve fazê-lo, quanto antes, entregando os seus «teams» a pessoa de boa vontade e competencia.

Eis o que resolveram, no tocatne a treinadores, os clubes da divisão de honra.

* * *

O Hockey Club de Portugal elegeu os seguintes corpos gerentes:

Assembleia geral—Antonio da Cruz, Jorge Evaristo, Lourenço Guedes Pinto e Mario Valente.

Direcção—Rogerio Futscher, Fernando Pereira, Americo Antonio Henriques, José Antonio Martins, João de Matos e Silva, Carlos Costa e Fernando Costa.

Conselho Fiscal—Severino Freire, João da Cruz e Antonio Bayard.

Associação de Football de Lisboa

Pede-nos a direcção da A. F. L. que tornemos publico que o «Torneio de Inauguração—Epoca de 1934-35» que quatro clubes desta Associação vão organizar nada tem com o «Torneio de Preparação» que ha anos se efectua nos principios das epocas, e que não é da sua responsabilidade, limitando-se a Associação a dar a sua autorização nos termos regulamentares ao que lhe solicitam os clubes sobre o que concertaram entre si.

Tourada em Setúbal

No próximo domingo realiza-se em Setúbal a corrida de touros promovida anualmente pela Agencia dos Combatentes da Grande Guerra a favor do Cofre de Pensões das Viúvas e Órfãos de Combatentes.

A C. P. para facilitar a concorrência do público, resolveu pôr em circulação um combóio especial, que partirá do Montijo ás 14.40 horas, de modo a ligar em Pinhal Novo ao combóio que chega a Setúbal ás 15,30.

SABUGA
E' a marca das melhores laranjadas

A Cidade

Colegio Lisbonense
Secção primaria
Rua de Pascoal de Melo, 135
Secção Secundaria, Admissão ás Faculdades, Comercial, Conservatorio
T. da Escola Araujo, 30, 32 e 34
Encontra-se aberta a matricula, reabrindo as aulas no dia 6 de Outubro
Cursos diurno e noturno

CRIME OU BRUXEDO?

SABE-SE QUE A VITIMA MORREU

em consequencia duma septicemia

provocada possivelmente por envenenamento

A Policia prosseguiu hoje as suas diligencias no sentido de esclarecer o caso de um suposto envenenamento de que é acusada Sara de Mendonça Vicente, não tendo chegado ainda a uma conclusão embora as suspeitas se avolumem contra a arguida.

Os agentes Jorge de Vasconcelos e Armelim passaram ontem uma busca ao quarto da rua da Atalaia, n.º 15, onde Sara de Mendonça vivia, e apreenderam ali o rascunho duma carta em que ela pedia a seu marido que lhe perdoasse todas as faltas e a deixasse voltar para a sua companhia.

Ouvida hoje no Torel, a tia da arguida limitou-se a declarar que ha cerca de oito meses sua sobrinha lhe aparecera em casa, pedindo-lhe que a recebesse por ter abandonado o marido.

Sara de Mendonça voltou hoje novamente a ser interrogada, no gabinete da 2.ª secção. Quando ali entrou, deparou com a filha, que ficou indiferente em presença da mãi. Depois de uns momentos de hesitação, esta dirigiu-se-lhe, fez-lhe uma festa na cara e beijou-a, informando-se da saude dela e do irmão.

A seguir teve esta frase:

—A ti não te quero mal, porque não sabes o que dizes, nem o que me estás fazendo sofrer. Mas tudo se ha-de esclarecer...

O agente investigador preguntou-lhe se a filha tinha o habito de mentir, ao que ela respondeu que não.

—Então como explica que sua filha acuse duma maneira tão concreta, citando até factos da sua vida particular?

Que ninguem tinha nada que ver com a sua vida particular, respondeu. E voltou a negar que lhe tivesse dado qualquer pó para deitar na comida do marido.

A pequena interrompeu-a então, para afirmar:

—Isso é que a mãe deu. Disse-me até que era para o paizinho voltar para a sua companhia.

Nesta altura o agente procurou convencer a criança de que não falava verdade. A pequena Maria da Conceição, porem, não se perturbou e continuou a manter com firmeza as suas declarações.

Voltou a relatar como os factos se passaram, sem omitir um pormenor, nem cair em qualquer contradição.

A mãe, por sua vez, afirmou que a pequena não ia á escola ha três meses, o que ela desmentiu, dizendo que só deixara de ir quando entrou no periodo de ferias.

Preguntaram-lhe onde guardara o papel com o pó que a mãe lhe deu. Respondeu que o metera na saca dos livros e que, ao chegar a casa, o colocou em cima duma maquina de costura. Quando o pai chegou a casa para jantar, a avó pôs a sopa na mesa. Aproveitando a altura em que o pai estava a lavar as mãos, foi buscar o papel e desempenhou-se da missão de que a mãe a incumbira.

Logo que acabou de comer, o pai começou a sentir-se mal do estomago vomitando pouco depois tudo quanto comera.

Como os agentes estranhassem que a criança deitasse o tal pó, na boca do pai quando ele estava a dormir, preguntaram-lhe se fôra ela a ultima a deitar-se. Respondeu que sim, pois ficara ainda a lavar a louça na cozinha, e quando pressentiu que o pai já estava a dormir, aproximou-se dele pé ante pé e deitou-lhe o pó na boca.

O pai não acordou, diz ela, porque tinha o sono pesado.

O interrogatorio prossegue á hora de fecharmos o nosso jornal.

As causas da morte

Segundo as informações colhidas pela Policia no hospital de Santo Antonio dos Capuchos, o sr. Porfirio de Matos Vicente morreu em consequencia duma septicemia, suspeita de envenenamento.

Já foi requisitada ao Instituto de Medicina Legal a exumação do cadaver, a fim de se fazer o exame toxicologico ás visceras.

A Policia procura um homem que mantinha relações com a arguida, a fim de esclarecer determinados factos constantes do processo.

FOI PRESO EM LISBOA

o tesoureiro de finanças de Bolama

As autoridades de Bolama enviaram um radio para o ministerio das Colonias, no qual pediam que fosse encarregada a P. I. C. de capturar o tesoureiro de Finanças que de ali se ausentou para Lisboa, depois de ter praticado um importante desfalque.

A P. I. C. pôs-se imediatamente em campo e logrou prender o referido tesoureiro, que chegára a esta cidade na passada segunda-feira e que no Torel fica aguardando o primeiro vapor que sáia para aquela colonia, a fim de ali responder pelo seu crime.

O PORTO pelo telefone

PORTO, 13

Um desfalque de 70 contos

A Policia procura Julio Fezas Fernandes, ex-empregado da «Preservatrice», que praticou um desfalque de 70 contos.

Ministros em viagem

No «rápido», da manhã, seguiu hoje para Vidago, a fim de se encontrar com sua esposa, a sr.ª D. Fatima Tamagnini Barbosa de Oliveira, o sr. ministro da Guerra, que regressa na proxima semana a Lisboa.

A GARRETT — Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Escudos
Jantares » de 15 e 18 Escudos

O chefe do governo

visitou hoje a Curia

CURIA, 13.—Em visita á Piscina-Praia, recentemente inaugurada, esteve hoje aqui o sr. dr. Oliveira Salazar, acompanhado pelos srs. drs. Bissaia Barreto, Jeronimo de Lacerda e Leal Marques.

O sr. Alexandre de Almeida, que veio expressamente para receber o chefe do governo, acompanhou-o numa minuciosa visita áquele grande melhoramento desta estancia.

Ao retirar-se, o sr. presidente do Ministerio, manifestou áquele industrial a sua excelente impressão da visita.

Um desfalque de 800 contos

Na repartição de Finanças do 3.º bairro, descobriu-se um desfalque de 800 contos, praticado pelo aspirante Augusto Ferreira, que tinha como cumplice o cobrador duma casa bancaria.

Os autores do desfalque foram hoje presos pelos agentes Paradela, Armelim e Filipe da Silva.

Os presos foram interrogados pelo juiz dr. Vieira de Castro e pelo chefe da 2.ª secção. Ambos confessaram a sua culpabilidade. A um dos presos foi apreendida uma nota de mil escudos e alguns documentos.

A SESSÃO DO MUNICIPIO

UM DISCURSO IMPORTANTE

do presidente da Camara

na posse do engenheiro Carlos Santos

Com invulgar concorrencia, realizou-se esta tarde a posse do sr. engenheiro Carlos Santos, novo vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa. Estavam presentes, além do sr. tenente-coronel Linhares de Lima e dos restantes vereadores, representantes dos membros do governo, da União Nacional, Automovel Club de Portugal — agremiação a que o sr. Carlos Santos preside — do Conselho Superior de Viação, da Associação Comercial de Lisboa e da Associação Industrial Portuguesa, numerosos comerciantes e desportistas, etc.

Depois de abrir a sessão, o sr. tenente-coronel Linhares de Lima referiu-se aos diplomas publicados no «Diario do Governo», acêrca da vice-presidencia da Camara:

—Interpretando, certamente, o sentir de todos os meus colegas, manifesto a nossa pena por vermos afastar-se o sr. major Alvaro da Salvação Barreto que desempenhou o seu cargo, com o maior entusiasmo, a maior dedicação e o maior espirito de sacrificio.

Os seus tempos foram ásperos e dificeis para a Camara. E S. Ex.ª com a sua inteligencia e a sua boa vontade, prestou-nos optimos serviços que jamais esqueceremos. Felizmente, a sua substituição faz-se por alguem de valor que se fez a si proprio e que se destacou pelas suas qualidades de inteligencia e de trabalho. De acôrdo com a indicação feita pelo presidente da União Nacional ao sr. ministro do Interior, assume a vice-presidencia da Camara o sr. engenheiro Carlos Santos. Em boa hora vem S. Ex.ª, porque o momento é de trabalho, de muito trabalho. Nós, que sabemos quais as suas qualidades, contamos com S. Ex.ª para nos ajudar o plano que traçámos, em defesa dos interesses da cidade, e que executaremos com a maior rapidez possivel.

Depois, o sr. presidente acrescentou:

— Pouco tem feito a Camara, para o muito que havia a fazer. Mas, sejam justos: A situação da Camara de Lisboa é unica, não só no país, mas talvez no mundo. E' a que vive com menores receitas e a que mais tem a fazer, na sua enorme area, desproporcionada para as suas receitas, e que lhe não permite realizar as obras necessarias.

Recordou que as despesas improdutivas não podem ser feitas senão com receitas normais ou com o auxilio do governo.

— Embora não possamos fazer imediatamente os trabalhos necessarios, procuramos ir dando, tão rapidamente quanto nos é possivel, satisfação ás aspirações dos municipes.

Saudou a Imprensa, salientando os serviços que Lisboa e a sua Camara lhe devem.

Referiu-se aos «irrequietos que querem tudo feito num dia, seja como fôr», afirmando que a Camara não deve criar encargos a que não possa fazer face:

— Para se realizar tudo o que desejamos, seria necessario um grande emprestimo. Era preciso, depois, amortizá-lo e pagar os juros. Resta saber se as receitas normais da Camara chegariam para isso.

Falou das ruas da cidade, dizendo que dentro de três anos, se realizarão os planos de transformação convenientes, e acrescentando que se trata agora, especialmente dos acessos á cidade.

Referiu-se á avenida da India—que este ano será prolongada até Algés—á Torre de Belem, á nova estação de Caminhos de Ferro e á rua do Arsenal, salientando a valiosa colaboração do ministerio das Obras Publicas, e acentuando que procurará sempre evitar prejuizos injustificados a quem quer que seja.

Terminou dizendo:

—Temos esperança na acção de V. Ex.ª, sr. engenheiro Carlos Santos, esperança que é fundamentada na obra que já realizou. Este posto é tambem um posto de combate em que se pode servir a situação que todos amamos e defendemos.

Fala o eng. Carlos Santos

O sr. engenheiro Carlos Santos, depois de se referir em termos elogiosos ao sr. presidente da comissão administrativa da Camara e aos seus colegas de Municipio, fez as seguintes importantes declarações sobre as obras de que a capital necessita:

«Grande é a série de melhoramentos que os municipes de Lisboa exigem. Na primeira fila e com mais urgentes tenho ouvido colocar: a libertação da lindissima Torre de Belem de todo o estendal de negrume que a circunda; a mudança do Matadouro para local mais apropriado; a construção duma central leiteira, que é uma necessidade urgentissima, a fim de pôr os habitantes de Lisboa em condições de poderem comprar leite, com a garantia de ser um produto em condições higienicas; a construção duma nova estação central de caminhos de ferro, ou, pelo menos, a melhoria da actual; o acabamento da Avenida da India, que morre hoje num tunel ignobil, no Bom Sucesso, e que todos os automobilistas esperam vêr em breve ligada, em Algés, com a estrada marginal que ha-de unir esta saida da cidade aos Estoris.

Mas simultaneamente vem a necessidade urgente de: criar, para o transito, uma nova arteria ligando o Cais do Sodré com o lado oriental da cidade, descongestinando assim as ruas do Arsenal e da Alfandega, que são hoje um verdadeiro xadrez.

Ha ainda a considerar os problemas do descongestionamento da rua da Palma, e o acabamento da pavimentação, assunto da mais alta importancia para o transito duma cidade como Lisboa.

Vem a seguir o problema, a resolver, dos dois funis de Entre Campos.

Se juntarmos a isto a urbanização da superficie de terreno compreendida entre Algés e Benfica, implicando a arborização de Monsanto, e a realização do prometido Estadio; e ainda considerarmos o que ha a fazer, dentro do capitulo da higiene, com o estudo da nova rêde de esgotos, não precisaremos de juntar o gravissimo, urgente e inadiavel problema da deslocação das montureiras, que os «bairros de lata», para dar uma ideia do muito que ha a fazer para colocar Lisboa a par das outras capitais europeias.

Esta enorme série de realizações necessita duma verba consideravel, que só um emprestimo especial á cidade pode permitir executar.

E' minha convicção que o Governo não deixará de aceitar este criterio, logo que possamos pôr-lhe diante dos olhos uma planta da cidade contendo um plano de realizações, estudado e aprovado pelas entidades oficiais e particulares competentes, e representando o maximo de previsão que á actual vereação seja permitido estabelecer.

Resta-me acrescentar que é indispensavel á realização duma obra desta monta a colaboração dedicada do pessoal do municipio com a qual, antecipadamente, julgo, poderemos contar».

Para a grande obra cujas linhas gerais indicou no seu discurso, o sr. engenheiro Carlos Santos afirmou poderem o governo e o municipio contar com a sua dedicação e esforço.

Terminou o seu discurso pondo em relevo a necessidade duma colaboração eficaz da Imprensa na tarefa a realizar.

O sr. presidente interrompeu a sessão, por 5 minutos.

Para Casa Avião Barco Automovel compre
FADA-RADIO
29, Calçada de S. Francisco, 31—LISBOA
Rua Santa Catarina, 47, 2.º—PORTO

A Cidade

Retiro da Severa
LUNA PARQUE Aberto até ás 2 horas
Cantam hoje MARIA LUISA, LEONILDE GOUVEIA, CARLOS DE OLIVEIRA e ALBERTO COSTA, acompanhados por JOSÉ MARQUES e GEORGINO DE SOUSA

AS GRANDES RECONSTITUIÇÕES ARQUITECTONICAS

A velha Sé de Lisboa ressurge

em toda a sua beleza primitiva

A Sé é o monumento mais antigo de Lisboa. No seu imponente cenario arquitectonico, de estrutura religioso-militar, têm-se desenrolado alguns acontecimentos capitais da nossa historia. Reis, bispos, cavaleiros, desde o tempo de D. Afonso Henriques até nossos dias, têm por ali passado, em teorias processionais de grandesa, festas misticas, vigilias militares, até representações religiosas. Como todas as grandes fabricas, ela tem sofrido adaptações, reconstituições, e até mutilações, através dos seculos. Três estilos nobres estão ali gravados: o romanico, da primitiva, que se ergueu, talvez, sobre as paredes da mesquita, se é que existiu, na sua esplendida nudez de pedra, precioso e caprichoso de motivos, através da nave central e das colaterais, até ao cruzeiro, sobre o qual se erguia, num vôo desmedido, a torre sineira; o gotico, do mais belo que floresceu, em Portugal, nas capelas da charola, e depois, truncados, disparatados, elementos do seculo XVIII, patentes ainda, no interior do altar-mór, até aos corucheus das torres, ideia de Fuschini, que, felizmente, já desapareceram.

Não falamos, sequer, nos acrescentamentos do tempo dos Filipes, como a sacristia, mole espessa que pesa no lado sul, como no claustro, que embora gravemente profanado, atesta ainda, com gracioso pitoresco, o periodo de transição entre o romanico e o gotico.

As obras da Sé, dirigidas pelo Estado, duram desde 1910. Mas para melhor dizer, duraram sempre. Vêm desde o tempo, em que Afonso Henfiques conquistou Lisboa e fundou ali o templo da sua vitoria cristã, dominando a terra e o rio. Contra as investidas do mouro, que ainda talava o sul, e podia vir até á cidade, ergueu-lhe, numa cintura espessa, alta, quasi invulneravel, robustos muralhões amelados. Seculos, estilos, grandezas, miserias, tudo ali se encontra. No entanto, apesar das obras constantes que tem sofrido a verdadeira Sé, graças aos trabalhos ultimamente ali executados, sob a orientação dos Monumentos e Edificios Nacionais, cuja «équipe» tecnica e artistica vem operando autenticas maravilhas, surge, quasi na sua unidade primitiva, debaixo de sucessivas camadas de argamassa e de estuque com que desde o terramoto para cá, a têm entaipado. E' curioso vêr o seu ressurgimento, melindroso, dificil, paciente, verdadeiro escavar em ruinas. A cada passo se topam maravilhas de arquitectura, janelas entaipadas, que aparecem, com colunas esguias de alado gotico, o nascer desta abobada que morreu, um capitel que estava enterrado e que a picareta dum operario encontrou, aquela porta, que foi brutalmente escavada, nas suas cantarias, para, em seu lugar, se construir, pretenciosamente, outra do nosso tempo, sem que tenha a recomendá-la qualquer expressão de beleza.

Sucessivas gerações de operarios, canteiros, de magnifico cinzel, vão ali envelhecendo, tomando até aspecto rugoso da pedra que trabalham. Os velhos sinos dão duas horas, e o enxame dos artifices dispersa-se pela fabrica enorme, sombria, cavernosa, para se ouvir bem depressa o ressoar dos martelos e dos escopros, através das naves.

A fachada principal da Sé de Lisboa, depois de restaurada

* * *

Fomos lá hoje a essa hora. Surpreendemos, em flagrante, a faina ingente. Subimos ás torres, passeámos no terraço, que dá para o largo, de fugida percorremos o triforio até que, por ultimo, descemos cá abaixo ás naves. E' ali que o trabalho agora incide. Todos os estuques que recobriam as colunas, desde o pedestal até ao capitel com uma espessura de cêrca de 10 centimetros, estão descascados. Mas a pedra está cheia de cicatrizes, por vezes até, ferida de morte, na sua estrutura arquitectonica. Para segurar essa massa, cravejou-se de cavilhas tudo que era pedra, cortaram-se rente, as figurações deliciosas dos capiteis, de sorte que o templo, visto por dentro, parece uma floresta, onde tivesse lavrado um incendio. Mas a inteligencia humana tem recursos para tudo. Não desanima nunca.

Com as proprias pedras mutiladas, constroem-se as colunas mais abaladas, reforçando-se as outras, que sofreram, sem trepidar, o embate formidavel do terramoto. Ha algumas, porém, que estão suspensas, no ar, e vão sendo refeitas, tambor a tambor, desde a raiz.

Todo o tecto de madeira e pinturas, gabado por um pregador no tempo de D. João V, foi deitado abaixo.

Vai reconstruir-se a abobada, de que ha vestigios importantes. No entanto, no topo norte do cruzeiro, já completamente *descascado* dos seus inuteis e arrebicados revestimentos, surge uma bela janela romanica, cega, e no topo oposto, outra geminada, intacta nas suas colunas, arrematadas por belos capiteis, de folhagem de acanto e de passaros exoticos. Está apenas, de pé, o altar-mór, do seculo XVIII, detrás do qual certamente ha reminescencias do romanico, com marmores de variegadas côres, onde predominam o roseo e o cinzento, em severas linhas, um pouco pesadas, mas assim mesmo puras, como *specimen* de estilo do seculo XVIII.

Ficará assim o altar? O conselho superior de Belas Artes ainda não se pronunciu. No entanto, o arquitecto que dirige as obras, está pronto a demoli-lo, reintegrando-o no seu estilo inicial, de que se descobriram já vestigios, como seja uma porta que dá para o deambulatorio. O trabalho, porém, mais arduo de fazer, se as entidades competentes concordarem, é o da reconstituição da torre sineira, que ficava ao centro do cruzeiro. Era a mais alta das três, com seu sino pequenino, a tocar matinas, ha muitos seculos, e que um belo dia desapareceu, não se sabe como.

Entre as raras coisas do antigo, que ficaram, nota-se a charola, rendilhada de capelas, que uma linda luz, coada por vitrais esguios, ilumina suavemente. Cada uma tem um altar, ara severa, como tudo da religião primitiva. E estão cheios de tumulos, belas estatuas jacentes, de guerreiros, bispos, com as suas vestes de gala, e um ou outro, dormindo o seu sono eterno, atalaiado por lebreus. Toda a muralha sul, parte da qual Fuschini mandara apear, para se verem os lavores da charola, foi, ultimamente, reconstituida. O claustro, porém, de dois pisos, com as suas rosaceas tão lindas, em cada tramo sempre diferentes, no desenho, está, porém, ainda na ruina em que o deixaram. Mas o que subsiste da sua traça, que é importante, permite reedificá-lo, em todos os seus pormenores.

Um dos problemas mais discutidos, nas obras da Sé, foi o da colocação da rosacea grande. Uns queriam-na á frente, inserida no plano vertical da fachada, outros, recuada, apoiada nas arquivoltas do portico, o que não só lhe dava mais estabilidade, mas até grandeza luminosa, vista do interior da igreja. Venceu, e supomos que bem, este ultimo criterio. A rosacea, que em parte, foi construida com pedras lavradas das da primitiva, foi já assente, faltando-lhe, apenas, o seu revestimento multicor de vitrais. Então, será como uma rosa de Saron, luminosa, ardente, fascinadora.

Mas a Sé não se vê, numas escassas horas. Um mês não chegaria. Lentamente, surge ou ressurge, a sua admiravel estrutura romanica, a pedra eterna, na sua nudez sugestiva, e é mais linda assim, já com aquela luz doirada, dôce, da sua irmã de Coimbra. Na floresta das suas colunas, cujos troncos procuram, ansiosamente, a abobada que vai nascer, e cujo berço já se acusa, sussurra o ritmo intenso do trabalho humano. A sua mascara falsa de beleza, todos os panejamentos que a desfiguravam, todos os êrros que sobre ela se acumularam, caiem desfeitos em pó. E o belo templo martirizado, que acusa todos os insultos que sofreu, parece falar. Entremostra as cicatrizes, duranmente inscritas, nas formas perfeitas, que lentamente se revelam, acusando o seu corpo monumental, em que a arte, entrevista através do pensamento cristão, marca uma das suas supremas realizações.

EM ALBERGARIA DOS DOZE

—o-o—

Explodiu a maquina

duma fabrica de serração

Três mortos e doze feridos

ALBERGARIA DOS DOZE, 13.— Nesta localidade deu-se hoje um grave desastre, que causou a maior consternação e cuja verdadeira extensão não se conhece ainda á hora a que telegrafamos.

Quando os operarios trabalhavam na fabrica de serração do sr. José Francisco Pimpão, deu-se uma explosão na maquina, que rebentou com grande fragor, sepultando nas ruinas da fabrica alguns trabalhadores.

Três foram logo retirados sem vida e irreconheciveis, mas supõe-se que debaixo do entulho ainda estejam mais alguns. Ha 12 feridos.

As casas que ficam proximas da fabrica sofreram grandes avarias com a explosão.

Numerosos populares procuram remover o entulho, a fim de retirar os operarios que se supõe terem ficado soterrados.

Pormenores do desastre

ALBERGARIA DOS DOZE, 13.—A locomovel que explodiu numa fabrica de serração desta localidade, foi projectada a cinco metros de distancia, desaparecendo parte da caldeira. A chaminé foi encontrada a seis metros de distancia.Um carro de bois que estava perto foi projectado contra um predio situado a trinta metros, passando sobre um muro de cinco metros de altura.

O dono da fabrica salvou-se por milagre, entre a locomovel e a parede.

Os feridos, seis deles em estado gravissimo, foram transportados para o hospital de Leiria, em automoveis.

Ao fim da tarde, chegou a Albergaria dos Doze o sub-delegado de saude, que veio verificar os obitos.

E' confrangedor o quadro que oferecem as familias das vitimas, no local do sinistro, onde se deram cenas impressionantes.

Até agora não apareceu mais nenhum cadaver.

O povo do Algarve

reclama a manutenção do comandante da canhoneira «Raul Cascais»

OLHÃO, 13.—Foram já feitas as diligencias oficiais junto do governador civil, para que as faça chegar ao conhecimento do ministro da Marinha, no sentido de que não seja substituido no comando da canhoneira «Raul Cascais» o 1.º tenente sr. Borges de Carvalho, que tem desenvolvido uma acção notavel no aprezamento dos cercos espanhois, invasores constantes destas aguas.

O sr. comandante Borges de Carvalho tem sido vitima ultimamente de intrigas malevolas, manejadas por individuos de nacionalidade portugesa, os quais, aliados aos interesses espanhois pretendem afastar do cargo que tão brilhantemente tem desempenhado aquele dedicado defensor da população piscatoria e da primeira industria do Algarve.

Assumindo a questão este condenavel aspecto, os organismos economicos e as Camaras Municipais, com o apoio da União Nacional, pretendem e esperam evitar que tal manobra vingue.

E' curioso salientar que a «Raul Cascais», pela sua actividade, consegue só ela, aprezar mais barcos espanhois, do que todas as outras canhoneiras que fiscalizam a pesca nesta costa. Por tudo isto, o povo do Algarve espera que o comandante Borges de Carvalho seja justamente mantido no seu cargo.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Luiza de Almeida e Vasconcelos Cabral, D. Maria Tereza de Mendóça Pinto de Queiroz, D. Virginia Duff Burnay de Mendonça, D. Albertina Gomes de Amorim Pinto Basto, D. Isabel de Carvalho Noronha Baeta Neves, D. Albertina de Almeida Navarro Teixeira Pinto, D. Maria Carlota Lobo e Tavora e D. Regina de Freitas Waddington.

CASAMENTOS

Sendo celebrante o prior da freguesia, reverendo dr. Alves Lirio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial de S. José, o casamento da distinta medica sr.ª dr.ª D. Maria Leão, filha da sr.ª D. Ana Baptista Leão e do sr. Abilio Leão, com o sr. dr. Julio Pedro de Carvalho e Silva, filho da sr.ª D. Maria de Carvalho e Silva e do sr. Manuel Ribeiro da Silva, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Elisa de Sousa Barros da Costa Sacadura e a mãe do noivo e de padrinhos o professor sr. dr. Sebastião Cabral da Costa Sacadura, e o pai do noivo.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residencia dos noivos, um finissimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem foi oferecido grande numero de valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

—Em capela armada numa das salas do palacete da familia do noivo, na avenida da Republica, realizou-se o casamento da sr.ª D. Olga de Sampaio e Melo de Morais, gentil filha da sr.ª D. Maria da Conceição de Sampaio e Melo de Morais e do sr. capitão-tenente Tancredo Octavio Faria de Morais, professor da Escola Naval, com o sr. dr. Eduardo Pereira de Oliveira, filho da sr.ª D. Maria Emilia Pereira de Oliveira e do sr. Vitorino de Oliveira, já falecido.

Foram padrinhos por parte da noiva, seus tios a sr.ª D. Antonieta Bastos Correia e o sr. dr. Francisco Antonio Correia, e por parte do noivo, sua mãe e seu irmão, sr. dr. Mario de Oliveira.

Finda a cerimonia religiosa foi servido um delicado «copo de agua». Na corbelha viam-se muitas e valiosas prendas.

VERANEIOS ELEGANTES

«SINTRA, 12 de setembro.—Meu caro Carlos.—Revestiram grande esplendor as festas que acabam de se realizar nesta encantadora estancia de verão, em honra de Nossa Senhora do Cabo, festas que só daqui a vinte e cinco anos se tornarão a fazer, e que constará alem das festividades religiosas, de arraial na avenida Barão de Almeida Santos, cavalhadas na avenida Alda, desfio de «foot-ball» entre os «teams» de primeiras categorias dos clubes Benfica e Belenenses, e de fogo de artificio, com que fechou com chave de ouro. Houve tambem, como já foi noticiado, um «chá dansante» a favor da Misericordia, no Casino de Sintra, que decorreu brilhantemente.

Para breve está em preparação um jantar de homenagem ao sr. D. Alberto de Velasco y Méra, pessoa a quem se deve em grande parte o exito das festas, ultimamente aqui realizadas, levado a efeito por iniciativa da comissão das festas de Nossa Senhora do Cabo, o qual se efectuará no hotel Costa, um dos pontos quotidianos de reunião da nossa primeira sociedade, e onde actualmente se encontram hospedadas as seguintes pessoas: Ernesto de Carvalho e esposa, D. Maria Angelica Fernandes, D. Felismina Silva Santos, D. Emilia Torrão Santos, D. Maria da Cunha e irmã, Alberto Wemens esposa e filha, dr. Francisco Esmeraldo, esposa e filha, Augusto de Oliveira Gomes Filipe, esposa e filha, Nil de Oliveira, esposa e filhas, Steven Ronald e esposa, dr. José Garcia da Costa e esposa, senhora de Casimiro Benard, José Sarmento Matos, Serrão de Faria, esposa e filha, Alvaro Vicente, etc., estando a inscrição aberta no escritorio do hotel, telefone, Sintra 23.

Outro ponto de reunião elegante em Sintra, são as sessões do Sintra Cinema, ás quintas-feiras e domingos, recordando-nos ter ali visto as sr.as:

Condessa de Murça, D. Maria Wazza de Andrade Trindade Coelho, D. Cristina Resende Dias de Oliveira da Silva, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Maria Luiza Wazza de Andrade Antunes dos Santos e filha, D. Herminia Serzedelo de Vasconcelos Correia, D. Elisa Antunes dos Santos de Vasconcelos, D. Sara Burnay Paiva de Andrade e filhas, D. Maria Henriqueta de Figueiredo Valente de Salema Garção e filha, D. Maria da Costa Lima de Melo, senhora de Garrido e filha, D. Maria Luiza Paiva Raposo de Almeida, D. Maria Julieta Gomes de Amorim d'Orey, D. Maria Luiza de Borja Trindade, D. Maria Inacia Lopes Cardoso de Vasconcelos, D. Vera Seixas de Lima Mayer, D. Guiomar Pinto Basto, D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, D. Albertina Moreira Rato Neves e filhas, D. Alice Horta Sanches, D. Fernanda e D. Branca Lemoine Branco, D. Maria Luiza de Melo e Castro Trigoso, D. Maria Luiza Pinto, D. Maria Eduarda Nunes, etc.

Como se vê, Sintra este ano, esta um pouco movimentada. Até breve—D. Nuno».

LANCHES PARA CASAMENTOS
CONFEITARIA NACIONAL
Rua da Betesga, n.os 59 a 65

TEMAS COLONIAIS

Mulheres europeias

em terras do Ultramar

Para uma completa e inteligente obra administrativa e de colonização, é indispensavel a permanencia de brancas nos continentes sujeitos ao dominio duma Nação civilizadora.

O homem digno e cumpridor terá, para com a sua consciencia e a sociedade, de se subordinar a duas grandes directrizes.

A de executar ao maximo o seu dever e a de proporcionar, acompanhando de perto, toda a alegria e conforto no seu lar, no cantinho querido da sua vida intima!!

Tudo mais, se não lhe deve ser indiferente, não lhe interessará de maior.

Pois bem, se na Metrópole—desde o jardim minhoto ao encanto sugestivo de Algarve—sentimos e ambicionamos a atracção de alguem que junto de nós seja o espelho do nosso sentir e a felicidade do nosso viver, com maior razão, como que imperiosamente, necessitamos—para lá dos mares, em terras distantes, onde tudo nos é desconhecido e corroidos pela saudade—o afágo sincero, o carinho e a dedicação inigualavel da mulher querida que o nosso coração elegeu.

A esposa que acompanhe o funcionario ou colóno cumpre dois deveres: para com a Patria e para com o marido!

Ao falarmos nas colonias, referimo-nos, principalmente, ás de Africa, onde tanta gente—desconhecendo o que a civilização e o progresso, sob todos os aspectos, ali têm levado—treme ao som desta palavra que para ela é tradução fiel de pretos e clima que matam, de féras que nos encontram carne gostosa para os seus repastos, enfim, um inferno com todos os seus horrores!!!

Pura ilusão, tremenda ignorancia, arrojo inaudito encerram estas palavras e—digamos de passagem—infeliz país que ainda tem quem assim fale!

Fugir da verdade, conspurcando-a, é acção digna de severo castigo!

Como há de ser feliz e trabalhar de vontade tão longe da terra que o viu nascer o colono que infelicidades varias—raramente a vocação—o obrigaram a afastar-se da sua aldeia, por anos sem fim, sózinho, sem o amparo moral a que estava habituado e quem sabe! a orientar-se por ele!

Não será uma interrogação continua, um desassossego permanente para este homem o pensamento nos dias incertos dos seus, que tão distantes vivem?!

As cartas que hoje recebe, levam-lhe as noticias de há meses!

Quem sente a ausencia e compreende a saudade, acaso pode ficar feliz por hoje receber correio, quando só passados outros meses novamente o tem?!

Com os funcionarios ainda pior, pois—sendo, como devem, pessoas com cursos, cuja inteligencia não se deve deixar atrofiar—podem ter por suficiente para convivio e cultura do espirito—perdidos no mato, afastados da civilização—a leitura de cartas, livros ou jornais?!

Não esqueçamos, e creia-se que, por vezes, um lindo sorriso, poderá levantar uma alma abatida, fazer reviver uma esperança!!

A auzencia da mulher europeia, não obriga todos—funcionarios e colonos—a ligações irregulares que tão nefastas são ao prestigio da autoridade, á saude e á colonização?!

Hoje não podemos colonizar segundo os moldes de D. João III ou de Afonso de Albuquerque—há que seleccionar—em tempo devido, estes nomes de elevadissimo tacto colonial, mestres da colonização portuguesa, fizeram escola no Mundo, porém, no seculo XX o processo de colonizar não pode ser o mesmo!

Os funcionarios e colonos só podem e devem ser filhos de pais europeus, pois só assim se fará—em todo o sentido—a verdadeira colonização.

Para isto é preciso que o Estado proteja, facilite ao maximo e obrigue—porque não?!—afastando dificuldades—todos os funcionarios e colonos a serem casados.

Vai longe o tempo em que para os tropicos iam, sómente, os homens conquistarlhes as terras!

Nos nossos dias—com a completa pacificação e grandes medidas de saneamento—os paises quentes tornaram-se habitaveis aos brancos, sem distinção de sexo.

A mulher europeia, com a preparação devida, pode, ainda, ser um agente de civilização.

Está ao seu alcance ser professora ou enfermeira, dirigir creche ou casas de correcção, enfim, variadissimos são os auxilios que ela com a sua inteligencia e saber poderá prestar á causa colonial, ao engrandecimento e prosperidade do nosso Imperio!

Porém, para tanto, é necessario estimulo e o Estado não pode, tambem, alhear-se da sua responsabilidade sobre assunto de tanta importancia.

De resto, são estes factos absolutamente normais em todas as grandes nações colonizadoras.

O director da Escola Colonial de Paris, quando oficialmente a visitámos, disse-nos que na sua Escola existia um curso especial para mulheres, a fim de as preparar nas exigencias coloniais compativeis com a sua missão.

Entre nós, deviamos pensar neste caso, embora adivinhe os risos e as palavras mordazes que tal medida inspiraria a certos individuos que pouco mais sabem que... abrir a boca!!

Pela nossa Escola Superior Colonial sómente umas quatro ou cinco senhoras — e isto desde ha bastantes anos — por lá passaram, mas fizeram-no, apenas, para aumentarem a sua cultura, visto que as funções dos Diplomados pela Escola não podem — pela sua natureza — ser desempenhadas por senhoras e esta, não prevê o caso especial da sua congenere de Paris.

Como se pensa numa reorganização da Escola Superior Colonial, seria interessante que alguma coisa — mas de util e pratico — se legislasse sobre o assunto.

No congresso de ensino colonial que se deve realizar no Porto, em setembro proximo, sabemos que tal estudo deverá ser cuidadosamente tratado pelos ilustres congressistas.

Sob o ponto de vista da defesa moral da mulher — que a tanta gente preocupa — não nos consta que a Africa tivesse igualado ou suplantado a devassidão da super-civilizada Europa, onde, por todos os lados, aparecem os mais vis atentados contra a dignidade de quem nos merece o mais sagrado respeito.

Todavia, lá como cá, a condição primeira para a defesa do lar seráetaoig etaoinn preensivel — a todos os titulos — da mulher e o criterio, aliado á mais alta protecção, do homem.

No campo intelectual, como escritora ou exercendo qualquer profissão liberal, a mulher encontra, ainda, nessas longinquas paragens, grande margem para a sua obra de inteligencia.

Felizmente, ha, já, entre nós, senhoras que assim o compreendem e, isso nos orgulha!

Ao acaso e sem melindres, citaremos os nomes da Sr.ª Doutora Adelaide Cabete que exerce, com proficiencia notavel, a medicina em Luanda e da Sr.ª D. Amalia de Proença Norte que, com inumo brilho e encanto — depois de longa permanencia nas colonias — acaba de publicar o seu livro «Em Portugal e Africa».

Na Metropole vai-se acentuando, nitidamente, o entusiasmo das senhoras pela nossa vida colonial.

Vemos entre outros nomes o da distinta aluna do Liceu Normal de Lisboa, D. Maria Carolina Soares, num trabalho muito interessante que intitulou «O papel da mulher na obra colonial portuguesa» e que, de forma brilhante, o apresentou na Sociedade de Geografia durante a Semana das Colonias deste ano.

Portuguesas oriundas dos nossos dominios dedicam-se, tambem, aos estudos entre a Mãi-Patria e as suas colonias.

Como simbolo destas portuguesas — pela sua idade e de cuja inteligencia a Patria muito espera — citaremos o nome da Sr.ª D. Julieta da Graça do Espirito Santo, aluna do Instituto de Odivelas e natural de S. Tomé que leu, na referida Semana das Colonias, o seu trabalho: «A minha terra Natal».

Bem hajam!!

Avante! Mulheres de Portugal, pelo futuro dos nossos dominios de Além-Mar.

AUGUSTO LEONE

COMO SE DEVE NADAR
PELO PROFESSOR FERNANDO BORDALLO PINHEIRO
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

NOTICIAS DA GUINÉ

BOLAMA, setembro.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE BOLAMA.—Com uma interessante festa na séde da respectiva Associação, fez-se a estreia dos capacetes, machados e outros artigos que constituem a farda do bombeiro, tendo a guarnição, na sua maxima força, comparecido, a fim de o seu comandante, tenente sr. Salvador Pereira da Silva, lhe passar revista, cerimonia a que assistiu grande numero de pessoas, que muito aplaudiram o desenvolvimento e o progresso dessa associação, formada ha pouco tempo ainda.

No quartel respectivo tudo estava a postos e, pela agilidade e conhecimentos que demonstram ter, os membros daquela humanitaria associação, todos eles rapazes cheios de vida e de coragem, não será hoje dificil a extinção de incendios nesta cidade onde, ainda ha três anos, só se podia contar, para isso, com a boa vontade e sacrificio de particulares.

A PRIMEIRA CONFERENCIA DOS ADMINISTRADORES—Foi para cumprimento do que estabelece a Reforma Administrativa Ultramarina que o governador desta colonia, major sr. Carvalho Viegas, convocou para conferencia os srs. administradores dos concelhos e das circunscrições civis da colonia.

Coincidiu esse dia com a data em que começou a vigorar a obrigatoriedade do uso da farda para todos os administrativos.

Assim, cêrca das 9 horas dêsse dia, na sala das reuniões do Conselho do governo, ocupavam os lugares que lhes estavam marcados, ostentando os respectivos distintivos, os administradores convocados.

A' mesma hora, o sr. major Carvalho Viegas, acompanhado do seu ajudante de campo, entrou na sala, indo imediatamente ocupar o lugar de presidente da conferencia, ladeado, durante todo a sessão, pelos srs. dr. Ponces de Carvalho e capitão Jorge Caroço, directores respectivamente da Administração Civil e Negocios Indigenas da Colonia.

Por ser a primeira, foi esta cnferencia dividida em duas partes:—a inaugural e a privada.

O DIA DA METROPOLE—No salão do Club Desportivo de Bolama, realizaram-se as anunciadas conferencias comemorando o «Dia da Metropole».

Presidiu o governador da colonia, sr. major Carvalho Viegas, tendo a secretariá-lo os presidentes das comissões municipais de Bolama e de Bissau, vendo-se ainda na tribuna o juiz da comarca, sr. dr. Abel da Costa Neves, o capitão Jorge Caroço e os conferentes srs. drs. Ponces de Carvalho e tenente-coronel José de Ascenção Valdez.

Aberta a sessão, o capitão sr. Jorge Caroço fez a apresentação dos conferentes, em termos elogiosos para ambos.

A conferencia feita pelo sr. dr. Ponces de Carvalho ultrapassou todos os limites da espectativa.

Focando assuntos de extrema delicadeza, conseguiu, a quantos o ouviam, arrebatar, num comovido e impecavel final, depois de magistralmente haver evocado as fases mais dificeis da colonização da Guiné.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. tenente-coronel dr. José de Ascensão Valdez que, num eloquente e bem concebido discurso, arrancou da assistencia vibrantes e prolongados aplausos.

Realizou-se a seguir um «chá», oferecido pelo sr. major Carvalho Viegas, depois do que se dansou alegremente até cêrca das 4 horas da madrugada.

Escoteiros de Portugal

Como noticiámos, é hoje, pelas 21 e 30, que se realiza no Grupo Dramatico «Os Combatentes», na rua do Possolo, 9, a inauguração oficial do grupo de Escoteiros n.º 99, privativo daquela colectividade.

Prestam compromisso de honra 16 escoteiros. Uma comissão de senhoras fará a entrega ao grupo, da bandeira.

Assistem a esta inauguração além dos representantes da A. E. Portugal o comandante dos Bombeiros Voluntarios de Campo de Ourique os grupos do nucleo de Lisboa, e 26 escoteiros de Beja que chegaram a Lisboa hoje pelas 13 horas e 30.

Os grupos 99 e 54 partem tambem no proximo sabado para o Porto, para tomar parte do grande desfile que ali se realiza no domingo.

Orfanato Ferroviario da C. P.

Organizou-se ultimamente na estação de Entroncamento uma sub-comissão do Orfanato Ferroviario da C. P., constituida pelos srs. engenheiro Francisco Antunes, João Albina, João dos Santos Gil e Eduardo Ernesto David, á qual foi oferecido pelo sr. dr. João Marques Azevedo, residente em Lamarosa, o terreno necessario para a construção do orfanato.

O local onde poderá ser construido o edificio fica a 300 metros da estação de Entroncamento, na linha do Norte, nas propriedades do Vale da Praia, e reune para as suas instalações todas as condições comodas e higienicas.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Por terras do Algarve

O rincão das amendoeiras, no titulo de conferencia do algarbiano erudito, Jacinto da Cunha Parreira, antolha-se na silvense S. Marcos da Serra, ansiosa de estrada de abraço a Mertola Almodovar — Ourique, Monchique, Marmelete e Aljezur, interessante de aspecto, no panteneiro de figueiras e alfarrobeiras, seio colorido do territorio, como que a fixar, de facto, a passagem equatorial das suas provincias lusas.

No meio da encosta, S. Bartolomeu de Messines, visconde, e Alte, renascem João de Deus — poeta, falecido em 11 de Janeiro de 1896, da *Cartilha Maternal*, por onde conhecemos vogais e consoantes e do *Campo de Flores*, base de estudo das preambulares junções de rimas pelo jornadeiro deste momento, Messines da popular feira de fecho de ano, a Carreira, de matriz que, regionalmente, foi buscar ás pedreiras de Monte Boi a pedra de entalhado do pulpito, e pias de baptismo.

Foi cêrca dela, em Vale da Mata que, por 24 de Abril de 1834 pelejaram os liberais do então Barão de Sá da Bandeira com as hostes do brigadeiro Tomaz Antonio da Guarda Cabreira, vitorioso e recebendo, de louvor, os titulos de conde de Faro e Visconde de Vale da Mata.

Ha quem nos lamente pela descida em Tunes, duas e meia da tarde.

E' quem vai direito a Vila Real, para de lá subir aos varios concelhos algarvios.

Mas estava assim traçado o plano e enquanto os arguentes seguiam *terminus* proseguindo até Espanha muitos, nós desciamos entristecidos.

O comboio silva e rouqueja e desaparece como que em risada escarninha.

A linha isola-se, até de pessoal.

Sol marrequino.

— Quando se pode entrar em Portimão?

— Daqui a três horas e meia.

— Talvez de auto...

— Onde o arranjar?

— Trem... Camioneta...... mesmo carroça...

— Só por milagre...

Estavamos sequestrados, numa estação ferroviaria, reduzida a Tunis, com *i*, despida de comunicações rapidas, na primeira paragem algarvia, para onde se quere turismo!

Olhamos em volta daquela que até Maio de 1934 possuia a unica igreja consagrada a Nossa Senhora de Fatima.

Tinhamos outro casal, para se reunir ao nosso, dois tambem cabisbaixos caminheiros: alferes mandado a Lagos, onde nunca fôra, e dactilografa gozando licença.

Saltam rolhas de refrescos com frescos de historias freiraticas.

Contou-se de proprias vidas e da outra banda deram-se beliscões na alheia.

O tempo de espera adelgaça-se; ouve-se o festivo ronronear do mastodonte e deixa-se Tunes, mediante mais 1$50 de passagem, fixadas 5 horas e cinquenta da tarde.

Começam a aparecer *terras vermelhas*, a terra algarvia, ao despontar Algoz da sua ponte gradeada, de setembrina feira de S. Luiz, freguesia antecessora de Alcantarilha, castelã onde se erguem as alfarrobeiras tradicionais, as figueiras gigantescas.

As chaminés do casario entram de apresentar delineos novos, buscando destoar umas das outras.

Vem Poço Barreto e, pleno rasgão na serra, é cumprimentada Silves, mostrada de longe entrevista e que iremos visitar depois, Lagôa, senhora a 4 quilometros de Carvoeiro, linda Praia de banhos e que tem de mais ainda assim a 4.000 metros, a velhinha Estombar, castelã, repleta de fabricas de conserva de peixe, aproveitando extinta da palma fina, de que manufactura cigarreiras curiosas, malas femininas, cabazinhos de pé de arroz.

Tão grande se mostra a vila e tal a azáfama de trilhar, a valer, solo algarvio, que todos deixamos a carruagem, retrocedendo, desfeito o equilibrio.

Ferragudo, a ponte, e Portimão, Vila Nova de outras épocas, cidade de hoje, surge, risonha, amiga, no largo amplo, onde nos acolhem as primeiras *carrinhas*, tipicas, regionais, cavalo guizeiro entre varais esguios de remate recurvo, duas rodas grandes sustentando quatro lugares cobertos por toldo.

Um escudo novo, por pessoa, e depôe, rolando sobre empedrado limpo, na praça Principal, Hotel Central.

Ligeiros atavios, na frase de D. Francisco Manuel «reparos de rosto e trajo para bem parecer» e ingresso na sala refeitorial, onde traquinaram, de preceito, as classicas gigantescas ameijoas do Alvôr, limoadas a capricho, e pródomo de saborosos acepipes de almoço... quasi no momento do jantar.

Sem incognito, não deram sossego aos visitantes e a carrinha solavanqueou no seu roteiro certo até baile grande na Praia da Rocha.

Madrugada alta, estrelas esmorecendo na cupula azul de privilegio, reentravamos nos aposentos.

O Algarve descerra-nos em alegria, galhardo e fidalgo, as suas fronteiras amplas...

ARMANDO RIBEIRO

A PROPOSITO DUM LITIGIO

Catalunha de outrora

O litigio entre a Generalidade de Catalunha e o governo de Madrid, define nitidamente a psicologia de duas raças. Castelia e Catalunha foram através dos seculos, duas nacionalidades completamente antagonicas, tanto na sua mentalidade, como na sua sociologia; não houve jámais um ponto de contacto que as aproximasse leal e generosamente na defesa dos interesses nacionais; e para complemento dessa discordancia ruinosa para ambas, houve em todos os tempos gravissimos êrros politicos, por parte duns e doutros, que as conduziram a uma permanente luta de conquista de direitos, sem nunca terem encontrado a solução compensadora duma harmonica comunidade. Vem de longe, a hostilidade perniciosa que as afasta, e as coloca em situações de dificultosa solução, pela incoerencia como são tratados os magnos problemas que afectam simultameamente os interesses da Nação e da Região. Folheando as paginas da historia politica e territorial de Espanha, encontramos na sucessão dos seculos, lutas permanentes, demonstrativas, que a questão de Catalunha, se reveste em parte, um caracter politico e economico, tem como base de discordia, um caracteter fundamentalmente racial.

No reinado de Felipe IV, ocorreram em Barcelona episodios sangrentos, provocados pelo despotismo do seu favorito, o Conde Duque de Olivares, que por odio de raça, só procurava lançar os catalães á rebeldia, para despojá-los dos seus foros e privilegios. Em face de tantas afrontas, um grande patriota, Claris, á frente dum movimento nacionalista, declara Catalunha independente e pouco depois se entrega ao Rei de França, Luiz XIII; não lhe foi favoravel esta anexação, pela deslealdade e infidelidade, como os franceses violavam os interesses regionais; desiludida e humilhada pacta de novo com Espanha e em 1652 volta a formar parte do seu territorio. Meio seculo mais tarde, a guerra de sucessão causou a ruina definitiva de Catalunha, perdendo os catalães até o espirito patriotico, cometendo êrros funestissimos que intensificavam aquela ruina. Sitiada Barcelona pelas tropas franco-espanholas, e depois de vencida e derrotada, viu desaparecer todas as instituições politicas de Catalunha. A sua queda foi a consequencia fatal da desorientação dos catalães, que demonstraram que a sua bravura de lutadores, não pode evitar os efeitos da sua politica suicida; e enquanto a soldadesca de Felipe V, passeava ebria de alegria, pelas ruas ainda ensanguentadas, da cidade, vitoriando o seu triunfo, os vencidos, sofredores e resignados, recomeçavam a sua luta laboriosa, encontrando no trabalho a compensação de tanto sacrificio, na esperança de verem resurgir um dia, uma alvorada mais venturosa para a Patria vencida e humilhada.

Todos estes factos atentatorios á dignidade da raça, fizeram com que naquele periodo decadente, Catalunha aceitasse o jugo e o dominio filipista, as familias nobres, sugestionadas pelo deslumbramento das festas palacianas, abandonaram as suas residencias solarengas, para se instalarem na Côrte; os poetas mais notaveis deixaram de escrever em catalão; os oradores sacros e profanos, no pulpito e nas tribunas, falavam em castelhano; os grandes cronistas publicavam em castelhano, as cronicas que tinham começado a escrever em catalão; e em castelhano, os galanteadores compunham poesias, sonetos e madrigais, para as damas da nobreza provinciana; e foi assim que a intelectualidade catalã, tinha adoptado o castelhano, para a lingua vulgar da cultura. Esta desnacionalização não abateu o espirito da raça; a alma nacional, fiel á sua gloriosa tradição e á sua brilhante Historia, confiava sempre nos seus destinos e no seu poderoso ressurgimento; as grandes figuras representativas de mentalidade catalã não desanimavam na luta para a reconquista dos sagrados privilegios da Região, e nessa luta desigual e heroica, iam orientando a opinião popular numa nova fase cultural, que foi a precursora do seu renascimento.

Com a alma ferida de tantas humilhações, meia duzia de patriotas iniciaram, com uma tenacidade maravilhosa, uma epoca de propaganda regional, que havia de marcar uma pagina progressiva na Historia daquela região, heroica e sacrificada, lançando ideias novas, que foram os primeiros lampejos do catalanismo.

Dubio e Ors iniciou o renascimento da poesia catalã: os eruditos, Milá e Torres Amat, investigavam nos arquivos, os tesouros da literatura de Catalunha; os arquiologos, como Piferrer, publicavam a historia dos velhos e arcaicos monumentos abandonados; Antonio de Bofarull reunia as poesias mais selectas dos poetas do seu tempo (seculo XIX), num livro intitulado «Os novos trovadores»; os Jogos Florais, imitação dos que se celebravam em Paris e Toulouse, fundados por D. João I em Barcelona, em fins do seculo XIV, são a festa da poesia catalã; a sua reconstituição efectuou-se em 1859, celebrando-se todos os anos no mês de maio, para cantar a Fé, a Patria e o Amor. Esta reconstituição marcou definitivamente o triunfo literario catalão. Pouco depois apareceu o jornalismo catalão; e a meados daquele seculo, fundou Clavé os seus incomparaveis coros, multiplicados por toda Catalunha, que constituiram a dignificação da musica popular catalã. Realizaram-se simultaneamente as primeiras tentativas teatrais, das quais Frederico Soler (Pitarra), foi o grande mestre, contribuindo duma maneira eficaz, para o despertar da cultura e do patriotismo. E todas estas manifestações culturais, foram a vanguarda do renascimento da Catalunha.

MANUEL RIBAS POTAU

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

CRONICA

CANTAR

As crianças são luz de alvoradas que se projecta no infinito.

Embora sementes vivas de varios destinos e vespeiro formidavel de impulsos, indecisões e inconsequencias, existe em quasi todas elas a possibilidade de lhes reforçarem as virtudes e corrigirem os defeitos.

Os povos orientais compreendendo isso, foram os primeiros que, fundando escolas publicas tiveram tambem o cuidado, como sempre se viu na India, de as estabelecer em pleno campo, protegendo-as da chuva e do sol mais intenso.

Era com o proprio rumorejar de fontes e regatos ,com o canto das aves e o gemido do vento na folhagem dos bosques que interessavam os ouvidos infantis, enlevando os sentidos e enternecendo a alma dos pequeninos.

Educar uma criança é tarefa tão delicada que só a pode desempenhar quem saiba.

Vê-se que em muitos paises civilizados a delinquencia e a alimentação infantis, o cinema escolar, os lactarios, os patronatos, os refugios, os livros de educação moral e até os brinquedos ,tem merecido particular atenção em obediencia á higiente corporal e psiquica das crianças.

Paris chegou ao ponto de lhes construir um *guignol* em plenos Campos Elyseos, aproximando-se do sonho do milionario Wanderbilt.

Em Montevideu e no Brasil, já se realizaram congressos da criança, Madrid estabeleceu uma escola infantil ao ar livre, imitando a de Charlottemburgo, e a America do Norte ergueu, em 1912 ,anexa ao ministerio Federal do Trabalho, a especialissima e proveitosa repartição denominada — *Children's Bureau*, sob a direcção da doutora Lathrop.

Tem fructificado os exemplos de S. Vicente de Paula ,de D. Bosco e do proprio Jesus que prometeu vir, mesmo depois de morto, ter com as criancinhas não as deixando ao desamparo.

Um pequenino nada, porém, escapou ás diligencias dos educadores.

Esqueceram-se, até agora, de imitar, pelo menos, aqueles paises onde as lendas e as tradições dos seus herois andam espalhadas, em *lieds* e baladas, pelos labios das crianças das escolas .

E' certo que em alguns recolhimentos oficiais de caridade, ha hinos e canticos em notas cheias de frescura mas convem educar, por toda a parte as vozes infantis apurando-as na arte e acrisolando-as no amor da patria.

Conseguirão esse fim as canções nacionais faceis de fixar e de repetir dentro de uma musica léve e popular.

Teve essa ideia o consagrado artista dramatico, Alexandre de Azevedo, um dos raros daquela pleiade em que figuraram, além de outros, Rosas, Brazão, Ferreira da Silva e Henrique Alves.

Serão nossos os versos, simples, que são os que mais custam a fazer, e ingenuos para melhor se ajustarem ao espirito dos pequeninos.

Essa cruzada bendita irá formar um album sonoro de lendas e tradições da nossa terra, com um sabor silvestre a romarias de luz e de côr.

Pela primeira vez surgirão, assim, de braço dado e bem defenidos os três tipos da nossa canção popular: — da planicie, da montanha e da beira-mar.

Alexandre de Azevedo que foi interprete em destaque do selectissimo repertorio do antigo teatro D. Amelia, que fez, no Brasil, uma larga e generosa romagem a favor dos orfãos e mutilados da guerra, é que vai dar execução á ideia que é sua.

Ele, que promoveu entre nós o *Guignol* e o *Teatro da Natureza* de cujo sucesso retumbante fez aproveitar os cultos espiritos dos drs. Coelho de Carvalho e Pedroso Rodrigues, lembrou-se agora de percorrer as escolas do país ensinando ás crianças a forma de serem cantadas essas canções tendentes á educação do ouvido, do cerebro e dos sentimentos.

Essa obra constituirá um magico filtro de bem pensar e de bem fazer para os minusculos corações dos alunos.

Regressaremos, deste modo, á arte musical primitiva dos egipcios educando o ouvido pelo ensino e imitação dos sons, das vozes da natureza e dos costumes do povo.

Trata-se de uma obra deveras patriotica.

As canções populares são os segredos de amor da patria — disse João do Rio que classificou a voz, que canta, de filtro que nos toca a alma.

Haverá nesses pequeninos poemas, leves e saltitantes, cravos, mangericos, alcachofras, dansas de roda em romarias, tanger de violas em desfolhadas, sabor de vindimas, gestos donairosos e ariscos, sorrisos suaves ou brejeiros, amor e fé, muita fé nos destinos da patria ,tudo posto em grinalda de sons que possa ficar como um lindo relicario de gratas recordações.

E, assim, Alexandre de Azevedo, fóra do palco, será ainda o artista mágo e humano acercando-se, carinhoso, das crianças, dessas estrelas que desceram lá dos ceus e vieram adormecer no colo das mãis.

MARIO MONTEIRO
Advogado

VINHO DE COLARES
VIUVA GOMES
A MARCA QUE OS NOSSOS AVÓS JÁ PREFERIAM
VENDE-SE EM TODA A PARTE

Devido á sua frescura natural é dos unicos recomendados para uso nesta epoca de calor

AOS BARBEIROS

Variado e completo sortido em utensilios niquelados para a arte, recomendaveis pela sua qualidade e perfeito acabamento. Perfumarias nacionais e estrangeiras dos melhores fabricantes.

Perfumaria Viuva Dias
342, Rua dos Fanqueiros, 344 — LISBOA

UMA DEMORA NUMA PINTURA NECESSÁRIA SAI CARA

Pintar com regularidade representa economia indiscutível. As Tintas Du Pont protegem ao máximo e são sempre atraentes. Em todas as modalidades do seu fabrico, estas tintas estão sujeitas a controle químico rigorosamente científico. Para cada aplicação há uma tinta Du Pont apropriada. O Representante de Du Pont estudará tècnicamente os «seus» problemas de pintura, sem compromisso.

DU PONT

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA
SORIA, LTD
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

DU PONT FABRIKOID
REG. U. S. PAT. OFF.

PEGAMOIDES E LONAS

Material manufacturado pelos fabricantes do

DUCO

para estofos, capotas e decorações.

Venda por grosso e a retalho:
BETHENCOURT BROS. LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

Diabeticos

Desaparecimento do assucar e da albumina com o uso do

Chá Amazónia

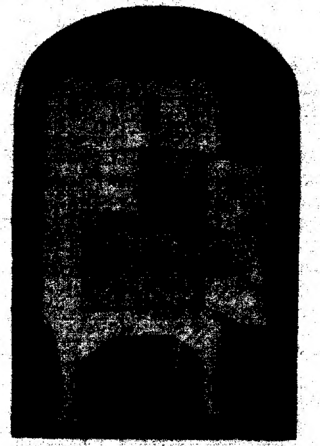
Atestado n.º 1 — *Atesto ter empregado em minha clinica, não só em casos de diabetes, como em diversas formas de hepatites, o* **Chá Amazónia** *sempre com os melhores resultados, podendo dest'arte assegurar a eficacia do referido preparado.*
Manaus, 12 de Dezembro de 1932. Dr. Turiano Meira

A' venda nas principais farmacias
LEVY & IRMÃOS — Rua da Madalena, 8, 1.º — Telef. 2 7554

TINTURA
Vegetalina
PROVE E USARÁ
ENVIAMOS DIRECTAMENTE PARA A PROVINCIA
DEPOSITARIO A. OLIVEIRA R. DA PALMA, 157 - LISBOA

GIBSON

E' o mais belo frigorifico do Mundo, produto de 58 anos de experiencia com 12 graduações de frio regulaveis exteriormente



Motor «Monounit» de 1/5 de cavalo, 2 cilindros, o mais rapido e economico na tecnica do frio

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO
Representantes: **OLAVO CRUZ, LDA.** Avedida da Liberdade, 11, r/c. — LISBOA
Telef. 22083

OS APARELHOS DE T. S. F. — RCA — SÃO SEMPRE OS MELHORES

O seculo da pressa não é o das boas maneiras...
Entretanto as pessoas que vencem na sociedade, que se impõem e que desfrutam de situação invejavel, devem os seus triunfos, quasi sempre, á pratica fiel da cortezia. Por essa razão é preciso, para toda a gente, o manual de Carmen d'Avila

BOAS MANEIRAS

porque aos que já possuem, recorda pormenores interessantes, e aos que não as têm, ensina as antigas e modernas regras da polidez, em todas as situações na vida.

MANUAL DE CIVILIDADE
— A' 1934 —
EM TODAS AS LIVRARIAS
AGENCIA EDITORIAL BRASILEIRA
Rua Ivens, 28

Jantar com musica
Venham apreciar a nossa cozinheira e o bom vinho no
Retiro Boa Vista
Calçada do Tojal, 73 — Telefone Benfica 381

Pensão Paris
Rua São Pedro de Alcantara, 55. Telef. 23339
E' a casa que mais garantias oferece ás pessoas que tenham necessidade duma boa pensão. Ha quartos muito arejados assim como casa de banho com duche quente e frio. A cosinha é simples e sádia, tendo tambem regimen de dietas, dirigido por uma cosinheira especialisada.

INSTALAÇOES IMPORTANTES
Trespassam se explendidas instalações (lojas) que serviram de escritorios e armazens de importante firma desta praça. A melhor situação no centro da cidade. Informa das 10 ás 17 na R. Fanqueiros, 80. Telefone 24283.

Caminhos de Ferro Portugueses
Despachos de Vidigueira a Portel

A partir do dia 22, são encerrados os despachos centrais de Vidigueira e Portel, servidos pela estação de Cuba; e, desde o dia 15, o unico serviço a prestar pelos referidos despachos centrais, ainda em combinação com a C. P., será receber as bagagens e remessas expedidas até então e vender bilhetes e expedir bagagens e mercadorias de G. V. ou P. V., apresentadas nos mesmos despachos até ao dia 17.

Linha de Lisboa a Vila Real e ramal de Lagos

O cartaz-horario D. 275-9 das linhas do Sado e Sul sofreu diversas alterações que constam do seu aditamento agora publicado.

CARTAZ

TEATROS

Variedades—A's 21 e ás 23—«A Bisbilhoteira».
Capitolio—A's 21 e ás 23—«Arco Iris» e cinema.
Luna Parque—Desde as 20 horas: Diversões internacionais

CINEMAS

Tivoli—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 24.
Palacio—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Pavilhão Português—A's 21—Cinema.
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Eden-Cinema—R. do Alvito, á Alcantara.
Promotora—L. 20 de Abril, ao Calvario.

Por
2$50, 5$00 ou 7$50
Pode V. Ex.ª obter a melhor caneta
CONKLIN
Simples ou **Endura**
Inscreva-se sem demora nos sorteios da
PAPELARIA RIJO
Após a inscrição fica imediatamente sujeito a adquirir uma caneta.
Rua da Prata, 150 — LISBOA

PALLADIUM
Café Pastelaria Gelados
Serviço especial de almoços durante o verão

Assinaturas de Vilegiaturas
DO
Diario de Lisbôa

Para facilitarmos a aquisição do nosso jornal para as pessoas que vão residir para as praias, termas ou campo, abrem-se, desde já, na administração do «Diario de Lisboa», assinaturas por 10, 20 e 30 dias, mediante o pagamento ou a remessa da respetiva quantia.

10 dias	3$00
20 dias	6$00
30 dias	9$00

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
SERVIÇO DE CONSTRUÇÃO
DIVISÃO DE VIA E OBRAS
ANUNCIO

No dia 14 de Setembro de 1934 pelas 12 e 30 horas, na Calçada do Duque n.º 20 Lisboa, perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas par a Empreitada de Construção de um Reservatorio de Formigão de Cimento Armado, na Estação de Setubal.

A condições do concurso estão patentes em Lisboa, na Divisão de Via e Obras—Serviço de Construção—Calçada do Duque n.º 20 e na estação de Setubal, todos os dias uteis das 10 ás 13 e das 14 e 30 ás 17 horas.

O deposito para ser admitido a licitar é de quenhentos escudos (500$00) e deve ser feito na Tesouraria da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguesa até ás 11 e 30 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relogio externo da estação do Rossio.

A base de licitação é de vinte mil escudos (20.000$00).

Só serão admitidas as propostas dos individuos ou firmas cuja inscrição no registo da Companhia, tenha sido admitida.

Para serem inscritos, deverão os individuos ou firmas dirigir um requerimento á Direcção Geral da Companhia, solicitando a sua inscrição, requerimento a que juntarão os documentos comprovativos da sua idoneidade moral e profissional.

Os requerimentos, com os documentos acima referidos, deverão ser entregues na Direcção Geral da Companhia, pelo menos, dez dias antes da data do concurso.

Uma vez inscritos no registo da Companhia, essa inscrição serve para concursos futuros.

Lisboa, 28 de Agosto de 1934
O Director Geral da Companhia
(a) *A. de Lima Henriques*

Quer a sorte grande?

SENHORA

Os mais lindos penteados só com a permanente UNIVERSAL, que dura 1 ano e faz se numa hora. Cabeleireiro do Rossio, 93 no 2.º andar tem elevador. Telef. 2 1720.

ESTRANGEIRO

Dr. Ferreira Pires
Das Faculdades de Filadelfia e Lisboa
Bôca e maxilares
Clinica Dentaria
Rua do Jardim do Regedor, 51, 1.º
e Rua da Escola Politecnica, 77, 1.º
Telefones 2 5709 e N. 7380

UMA CONJURA CONTRA A VIDA

do chefe da Guarda de Ferro

BUCAREST, 13. — A Policia privativa da Guarda de Ferro descobriu que alguns membros daquela organização politica pretendiam atentar contra a vida do seu chefe supremo, Codreano. O crime devia ser praticado na praia de Eforie, perto de Constança, para onde os conjurados chegaram a partir. Codreano, porém, posto ao corrente da conjura, veio para Bucarest pouco antes de os seus inimigos chegarem. As autoridades, informadas, intervieram no caso. Alguns membros da Guarda de Ferro, porém, continuaram a agir por sua conta. Prenderam o chefe da conspiração, Cotea, que confessou tudo. Os mesmos elementos assaltaram depois algumas casas, entre elas a de um individuo chamado Georghiade, para se apoderarem de documentos relativos á conjura, o que conseguiram. — (Americana).

A CIRCULAÇÃO EM LONDRES

LONDRES, 13. — O ministro dos Transportes resolveu aumentar o numero de marcações para os peões atravessarem as ruas de Londres, reduzindo assim os riscos de acidentes. Na parte central da cidade já ha 2.000 marcações. No dia 27 de outubro o seu numero será elevado a 10.000. As marcações são feitas com pregos de metal e o custo total de cada uma é de 20 libras.—(Havas).

Uma colecção de moedas

vendidas em leilão

BELGRADO, 13 — Vai ser vendida em leilão, em Roma, a celebre colecção de moedas antigas da arquiduquesa Maria da Russia, que vive actualmente em Italia e que depositara o seu tesouro no Banco Nacional de Belgrado. Da colecção faz parte um exemplar unico de uma moeda de bronze do tempo de Alcibiades. — (Americana).

MATITÉ
L. T. PIVER
PÓ D'ARROZ
SEM TALCO

Quereis dinheiro?
Jogai no
Gama
RUA DO AMPARO, 51, LISBOA—Telefone 2 4000

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

A Turquia convidou a Bulgaria

a aderir ao Pacto balcanico

IZTAMBUL, setembro.—A Turquia convidou de novo a Bulgaria a unir-se ao pacto balcanico. Apesar da tensão crescente entre a Turquia e a Bulgaria, manifestada em controversias bastante violentas entre os dois paises, apesar das categoricas declarações feitas pelo primeiro ministro bulgaro Kimon Gheorieff de que o seu pais nunca se uniria ao Pacto Balcanico na sua forma actual, o general Ismet Pachá, presidente do gabinete turco, fez novamente uma indicação de cooperação á Bulgaria. No discurso pronunciado pelo general Ismet na inauguração da feira de Smirna, empregou uma linguagem cordeal e amistosa ao falar da Bulgaria. Ao tratar dos supostos ultrajes sofridos pela minoria turca na Bulgaria, declarou, que as informações da Imprensa turca haviam exagerado os factos, pois esta certo que o governo bulgaro está animado dos melhores sentimentos. Esta declaração tem particular importancia, principalmente, se se considerar que tanto a Imprensa turca como a bulgara não gosam de liberdade e em nenhum dos dois paises alguem se atreveria a expôr ideias contrarias a opinião do governo. Por isso, quando os jornais turcos «exageraram», não expressavam então um criterio muito distinto do do governo. A objecção principal da Bulgaria ao Pacto Balcanico, é que em seu parecer, sanciona definitivamente as fronteiras estabelecidas depois da Grande Guerra, nas quais perdeu a sua saida para o mar Egeu, conquistada em guerras balcanicas. Embora não pareça possivel que a Grecia e a Turquia queiram fazer, voluntariamente, sacrificios territoriais para obter a adesão da Bulgaria ao Pacto, podem conceber-se outras possiveis soluções. Uma zona bulgara livre em Salonica ou noutro porto grego ou turco do mar Egeu daria á Bulgaria pelo menos um acesso economico ao Mediterraneo. Na opinião de muitos politicos turcos esta solução não satisfaria o orgulho bulgaro e economicamente teria os resultados de um «corredor» bulgaro.—(United Press).

SAN FRANCISCO PROJECTA

uma grande feira internacional

SAN FRANCISCO, setembro.—A cidade de San Francisco projecta uma grande feira, que será muito mais importante que a do Pacifico celebrada em 1915. A feira será mundial e para a sua organização e efectivação serão precisos onze milhões de dolares. Celebrar-se-á provavelmente em 1938 coincidindo com a inauguração de duas grandes obras de engenharia, a ponte sobre o Gelden Gate, e a que unirá San Francisco com Oackland. A feira será um meio de melhorar e desenvolver as relações economicas e culturais com as nações do Pacifico, Australia, China, Japão e com a costa oeste da America do Sul. A feira mundial de Chicago marcou uma nova era cientifica, ao passo que a de S. Francisco procurará melhorar as relações economicas e culturais de um povo que entra numa nova era.

Não foi ainda designado o lugar da feira, mas julga-se que será na ilha de Yerba Buena, no meio da baia de San Francisco. Tambem ainda não foi escolhida a designação da feira.

Condenada á cadeira electrica

NOVA YORK, 13 — Recolheu á cadeia de Sing-Sing, para ser electrocutada no proximo dia 19, uma mulher chamada Eva Goo, dona de uma casa de má reputação em Nova York, por ter assassinado um seu serviçal, com o fim de lhe roubar as economias. — (Americana).

A comissão de governo do Sarre

ocupa-se neste momento de problemas importantes

SARREBRUCK, setembro.—Entre os problemas a tratar pela Comissão de Governo do Sarre, figuram como mais importantes a dissolução da chamada Legião do Sarre, constituida por jovens do Sarre instruidos nos acampamentos operarios e o reforço da policia do Sarre com uma policia estrangeira. A S. D. N. publicou documentos que mostram que a Comissão de Governo está muito alarmada com a formação de uma força de dezasseis mil alemães do Sarre, comparada á legião austriaca que a Alemanha mantéve até ha pouco ao largo da fronteira da Austria. Os documentos encontrados na Frente Alemã indicam que dez mil destes jovens permanecerão na Alemanha até o momento do plebiscito e serão internados na região desmilitarizada do Reno. O presidente da Comissão de Governo do Sarre, Knox, numa carta dirigida ao Conselho da S. D. N. conclui que se dará a estes jovens uma instrução militar na Alemanha. Os socialistas vão mais longe nas suas suposições e afirmam que estas forças de jovens treinadas militarmente, lutarão pela Frente Alemã, se esta vir que não pode ganhar, legalmente, as eleições. Espera-se, que dentro de poucos dias a Comissão do Sarre decrete uma ordem para impedir o chamado serviço voluntario, que estes jovens realizam na Alemanha. A ordem proibirá as varias organizações que recrutam jovens do Sarre para os Acampamentos Operarios da Alemanha, estabelecendo que os jovens que são treinados nesses acampamentos tenham que apresentar-se regularmente perante os comissarios de Policia. Será tambem proibida toda a propaganda destinada a induzir jovens do Sarre a ingressar naqueles acampamentos. O presidente da Comissão de Governo, Knox, continua com o seu projecto de levar policia estrangeira ao Sarre para assegurar a ordem durante o plebiscito. A Comissão conta apenas com mil policias, dos quais só oitocentos disponiveis para o policiamento das ruas. Knox considera estas forças absolutamente insuficientes para uma região densamente povoada, que além disso é um distrito industrial, fronteiriço e no qual se tem de celebrar um plebiscito da importancia do actual. Julga-se, que Knox apresentará ao Conselho da S. D. N. a petição de reforços da policia estrangeira.—(United Press).

AUMENTARAM AS RECEITAS

dos caminhos de ferro ingleses

LONDRES, 13.—As receitas dos caminhos de ferro durante a ultima semana acusaram um aumento de 101.000 libras nas quatro linhas principais, comparativamente com igual semana do ano passado. Este aumento deve-se quasi inteiramente ao transporte de maior volume de mercadorias e carvão, o que prova que o comercio do país continua a melhorar firmemente. O aumento de transacções este ano é muito satisfatorio, comparativamente com as de 1933, as quais por seu turno mostraram um aumento de 151.000 libras em relação a 1932.—(Havas).

Morreu Vladimiro Durof

o celebre palhaço russo

RIGA, 13 — Comunicam de Moscovo que morreu o famoso palhaço russo Vladimiro Durof, que, depois de ter percorrido o mundo inteiro, se dedicou á sua maior paixão: amestrar animais. O governo sovietico aproveitou-lhe o saber, criando para ele um instituto, onde o velho "clown" ensinava o seu metodo a numerosos alunos.—(Americana).

O CONGRESSO DE NUREMBERG

Comentarios holandeses

BERLIM, 13.—Os jornais põem em relevo a repercussão que o Congresso Nacional-Socialista teve em todo o mundo e congratulam-se pelos comentarios feitos pela Imprensa imparcial. Entre outros, mencionam o que escreveu o jornal «Telegraf», de Haia:

«Se os povos se dessem ao trabalho de estudar, a fundo, as palavras de Hitler, convencer-se-iam de que o nacional-socialismo alemão é a maior garantia da paz mundial. Hitler disse que a revolução nacional socialista findou e que o poder vai ser, nas suas mãos, o meio de reorganizar a vida do povo alemão e a vida do Estado, de maneira produtiva. O «Fuehrer» mostrou claramente o trabalho duro e consciencioso que se impõe, durante muitos anos. Para salvar o Reich da miseria e da ruina em que se debatia são precisos alguns lustros de esforços, que só podem desenvolver-se na paz».—(Americana).

A PRODUÇÃO DE AUTOMOVEIS

aumentou em todo o mundo

NOVA YORK, 13.—A Secretaria do Comercio está a coligir elementos acerca da produção de automoveis. No que respeita a 1923, apurou-se que o aumento relativamente ao ano anterior foi de 37 0/0, pois foram construidos 2.727.000 veiculos— 2.200.000 carros de turismo e 527.000 camiões.

A produção, que fôra de 6.300.000 carros em 1929, baixou, em 1932, devido á crise economica geral, para 1.970.000.

A Alemanha contribuiu muito para o aumento que se verificou o ano passado, devido ás facilidades concedidas pelo governo nazi á respectiva industria. A sua produção subiu em 10 0/0. Seguiram com uma percentagem consideravelmente maior a Russia, a Italia e a America do Norte.

Nos outros paises, o aumento foi quasi imperceptivel.—(Americana).

Uma obra literaria em latim

premiada pela Academia holandesa

AMSTERDAM, 13—A Academia Real de Ciencias desta cidade concedeu o primeiro premio deste ano, para obras literarias escritas em latim, ao poema «Prometheus», do professor alemão dr. Weller, de Thuebingen.

Os candidatos pertenciam a 44 países. A referida composição, considerada perfeitissima, linguistica e literariamente, será impressa a expensas do fundo holandês Hoenft.—(Americana).

Dois tigres e um urso

viajaram de avião

BERLIM, 13—Um avião da companhia alemã Lufthansa conduziu de Roma para esta cidade dois tigres, que se destinam ao jardim zoologico de Hagenbeck, em Hamburgo. Pouco antes, outro aeroplano trouxera um urso. As feras não deram qualquer sinal de mal-estar.—(Americana).

Navio em perigo

LOS ANGELES, 13.—Um vapor hawaiano lançou um S. O. S. indicando a sua posição.—(Havas).

Um livro de mecanica automobilista para resolver todas as «panes»

A revista «O Volante» leva ao conhecimento do automobilismo amador e profissional de todo o País que, a partir do seu n.º 313 de 30 deste mês, inicia a publicação em fasciculos de 16 ou 32 paginas de uma obra que reputa de grande utilidade pratica. Trata-se de um livro de mecanica, auxiliar do automobilista: «As panes do automovel» segundo as instruções mais recentes, em uso nas escolas de mecanica dos E. U. A., dividido em quatro partes, a saber:

«Pesquizador de avarias»—«Informação geral»—«Processo de eliminação das panes»—«Diagnostico das panes»—«Sintomas, causas e remedios».

Para obter esta excelente obra, basta assinar desde já «O Volante»—Série de 12 numeros 18 escudos—C. do Lavra, 6—Lisboa.

A Escola Valsassina

vai ser instalada no sumptuoso palacio da

Av. Ant. A. Aguiar, 148 Telef. N. 7918

PEBECO
A MELHOR PASTA DENTIFRICA
branqueia os dentes, purifica
o hálito e conserva a boca sã.
ESTANA, BRANCO & FERNANDES, Lda. — 39, Rua Sapateiros. — LISBOA

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa.—CINTRA

ULTIMAS NOTICIAS

A'S SENHORAS
Tinjam os seus vestidos com as afamadas tintas
ARTI

AS GREVES NOS ESTADOS UNIDOS

o-o

A situação agrava-se

Deram-se graves tumultos na cidade de Rhode Esland

WASHINGTON, 13.—Os chefes da greve textil, alegando que as tropas estadoais se puzeram ao lado dos capitalistas e dos operarios que persistem em trabalhar, dirigiram um apelo ao governo, pedindo a protecção do exercito federal.

Em alguns pontos os negociantes negaram o credito aos grevistas. Por tal motivo, registam-se casos de fome, sobretudo em Dann, na Carolina do Norte.—(Americana).

Demite-se a comissão de arbitragem

WASHINGTON, 13. — Anuncia-se que a comissão nomeada pelo presidente Roosevelt, para resolver pacificamente o conflito da industria textil, declarou que até agora se malograram todos os seus planos para resolver o conflito textil e que estava na disposição de pedir a Roosevelt a sua demissão. — (United Press).

WASHINGTON, 13.—A comissão de arbitragem nomeada pelo governo para solucionar a gréve das industrias texteis apresentou a sua demissão ao presidente Roosevelt, declarando ser-lhe impossivel obter qualquer acordo com os industriais, em bases susceptiveis de resolver o conflito.—(Havas).

Uma vitoria dos grévistas

WASHINGTON 13.—Uma fabrica de fiação de tecidos, em Massachussets, concluiu um acôrdo particular com o sindicato operario, ao qual concedeu todas as reivindicações, isto é, semana de 5 dias, num total de 30 horas de trabalho e aumento de salarios. Gorman, presidente do «comité» grévista, declarou que a gréve continuará, mesmo durante mais um mês, se necessario fôr, até que todas as reclamações sejam atendidas.—(Havas).

Graves acontecimentos

RHODE ISLAND, 13. — *No violento recontro que se travou ontem, em Saylesville entre cinco mil grevistas e a guarda nacional, houve dois mortos e bastantes feridos.*

Esta manhã, quando os grevistas tentavam assaltar as fabricas Rayen & C.ª, apareceu a guarda nacional, travando-se, então, um violento tiroteio, em consequencia do que resultou cinco grevistas gravemente feridos. Cêrca de cinco mil pessoas excitadas pelo facto da guarda nacional fazer fogo a matar sobre os grevistas, apedrejaram-a e assaltaram varios estabelecimentos da cidade, distribuindo o saque pela familia dos operarios que se encontram em greve.

As autoridades, temendo que a população de Saylesville, que se encontra de mãos dadas com os grevistas, se revolte contra a guarda nacional, pediu reforços urgentes para Rhode Island. — (United Press).

O desemprego na Irlanda

DUBLIN, 13 — Anuncia-se que o numero de desempregados na Irlanda aumenta assustadoramente. Segundo as estatisticas oficiais, agora publicadas, verifica-se que em 3 do corrente havia no Estado Livre da Irlanda 102.038 desempregados, mais 6.361 que na semana anterior.—(United Press).

Obras de fomento em França

PARIS, 13. — O ministro do Trabalho anuncia que durante o periodo que vai de 29 do corrente a 6 de outubro proximo, começarão os primeiros trabalhos do vasto programa de obras publicas, para o qual o governo aprovou a verba de dez mil milhões de francos.—(United Press).

às 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

OS SOVIETES EM GENEBRA

Continua a ser elogiada a atitude conciliadora

da delegação portuguesa junto da S. D. N.

GENEBRA, 13. — O jornal «La Suisse», em artigo de fundo, assinado pelo seu director, diz o seguinte acêrca da admissão dos Sovietes na S. D. N.:

«Com a Suiça, Portugal votará contra. No Conselho, não forá em perigo, com o seu voto, a obra da paz que as grandes potencias pretendem só poder ser construida com o auxilio de Moscovo.

Era este o seu sentimento desde o inicio, não se podendo dizer que tivesse cedido no que quer que fôsse.

A significação do seu voto perante a Assembleia será assim ainda maior. Nenhum argumento no Conselho terá prevalecido contra a sua convicção de que o Estado bolchevista, com a sua dupla acção interna e externa, constitui mais um perigo para a paz politica e social». — (Especial).

A posição da Austria perante a S. D. N.

PARIS, 13.—A Imprensa desta manhã acolhe favoravelmente o discurso pronunciado ontem em Genebra pelo chanceler austriaco, regozijando-se perante a afirmação perentoria «de que existe a necessidade absoluta de manter a independencia da Austria».

«O dr. Schuschnigg revelou-se tenaz e decidido—escreve o «Petit Parisien». —Os seus argumentos, apresentados com eloquencia e convicção, produziram em toda a assembleia uma profunda impressão. O seu discurso é um acto politico de grande alcance e constitui um apêlo á garantia internacional. As questões tecnicas e politicas que podem tornar possivel essa garantia, têm demasiada envergadura para ser resolvidas em Genebra. Sabemos, porém, que o assunto continua a ser estudado entre as varias chancelarias diplomaticas».—(Havas).

Comentarios alemães

BERLIM, 13.—O discurso pronunciado ontem na assembleia de Genebra por Schuschnigg, chanceler austriaco, é pouco comentado pelos jornais desta manhã, limitando-se alguns a transcrever o discurso na integra, mas sob o titulo—«Schuschnigg implora o auxilio de Genebra»—O diario «Tag» diz que a Austria «não necessitaria a piedade do Universo, se lhe permitissem seguir o caminho que lhe impõe a sua nacionalidade e a sua raça».—(Havas).

A atitude do Japão

TOQUIO, 13.—Informa a Rengo que a Imprensa japonesa acompanha com a maior atenção toda a questão da entrada dos Sovietes para a Sociedade das Nações. Contudo, os circulos oficiais não julgam que a entrada da Russia para aquela assembleia venha a ter qualquer influencia no Extremo Oriente.—(Havas).

Comentarios franceses

PARIS, 13.—Comentando a sessão de ontem na assembleia da Sociedade das Nações, o jornal «L'Oeuvre» dá mostras de grande optimismo e diz que «ontem, em Genebra, se teve pela primeira vez a impressão de que se chegaria a resultados positivos».

Referindo-se ao discurso pronunciado por De Valera, chefe da delegação irlandesa, o «Petit Parisien» escreve o seguinte: «O discurso do representante do Estado Livre da Irlanda não foi talvez o mais oportuno, visto que o fez justamente num momento em que se expunham pontos de vista realmente delicados. No entanto, pode afirmar-se que o discurso de De Valera foi um apêlo aos metodos normais que devem ser seguidos na questão da admissão da U. R. S. S.».—(Havas).

A delegação francesa

GENEBRA, 13.—Barthou, ministro francês dos Negocios Estrangeiros, presidiu esta manhã a uma reunião da delegação francesa. Foram cuidadosamente estudadas as ultimas noticias relativas ás negociações com Moscovo. E' de supor que até amanhã á tarde, o maximo, o problema da admissão da Russia sovietica á S. D. N. seja solucionado.—(Havas).

O Pacto Balcanico

GENEBRA, 13.—O Conselho da Pequena «Entente» reune-se ás 17 horas. Os signatarios do Pacto Balcanico reunem-se ás 18 e 30. Em ambas as reuniões será examinada a questão da entrada dos Sovietes para a S. D. N. e a questão austriaca.—(Havas).

A sessão da Assembleia

GENEBRA, 13.—A sessão de hoje abriu por um discurso de Beck, ministro dos Negocios Estrangeiros da Polonia, que formulou de novo as suas reivindicações relativas á protecção internacional das minorias.—(Havas).

Comentarios alemães

BERLIM, 13.—A «Correspondencia Politica e Diplomatica Alemã» escreve o seguinte acêrca da entrada da Russia na S. D. N.:

«Quando a gente se lembra de que em 1926, a politica francesa não considerava a Alemanha suficientemente dentro do art. 1.º do Pacto da S. D. N., por, com os tratados de Rapallo e de Berlim, ter restabelecido as relações normais com a Russia, não se pode evitar a atitude de perplexidade perante o que se passa. Efectivamente, no momento em que a Alemanha, pelo seu combate ao comunismo, se tornou adversaria dos Sovietes, e em que foi obrigada a deixar Genebra, é a França que mais luta pela entrada da Russia na S. D. N. Da mesma maneira tornara-se um axioma da politica externa de Moscovo a afirmação de que jámais a Russia deixaria submeter os interesses vitais do Estado proletario ás decisões dos capitalistas. Em 1935, Tchitcherini, então comissario do povo, para os Negocios Estrangeiros, declarava ao «Temps»:

«Nunca a politica da U. R. S. S. se modificará em relação á S. D. N., que é um clube de burguesia.»

«No ponto de vista da S. D. N. a admissão da Russia é absolutamente incompreensivel.»

«Quando a economia mundial se desloca, porque numa cegueira estupida, se quere expulsar a Alemanha do mercado mundial, como vendedor e, portanto, como comprador; quando por toda a parte reina nervosismo e inquietação—recebe-se, no quadro de honra da S. D. N. a nação que, como «tertius gaudet», mais interesse tem na ruina do actual sistema economico e a cujas medidas anti-capitalistas as nações capitalistas prestam honras. Ao mesmo tempo, estas mesmas nações fingem ignorar que a Alemanha terminou a sua fase revolucionaria e que quere trabalhar pelo restabelecimento da ordem humana e pela garantia da paz interna e externa».—(Americana).

Um discurso de De Valera

LONDRES, 14.—A questão da entrada da Russia para a S. D. N. foi mais uma vez debatida em sessão publica, ontem, em Genebra. De Valera, delegado da Irlanda, protestou, durante a sessão, contra o principio das negociações particulares, feitas por iniciativa da França. De Valera declarou que «perante o manifesto desejo da Russia de fazer parte da Assembleia e o facto de existir a maioria suficiente para permitir a entrada daquele país, o processo mais simples e mais logico seria convidar as potencias a apresentar á Assembleia uma proposta de admissão, que seria votada».

De Valera disse que o país que ele representava, longe de aceitar as ideias sovieticas, apoiaria a entrada da Russia, visto a excepcional importancia que o facto representaria. —«Contudo, muito mais feliz me sentiria—acrescentou—se a Russia tornasse gerais as garantias que deu aos Estados Unidos quando tratou de reatar as relações diplomaticas com aquele país».—(Havas).

Supõe-se que foi adiada para outubro

a crise ministerial em Espanha

MADRID, 13. — A nota oficiosa do Conselho de ministros, que hoje se reuniu sob a presidencia do sr. Alcalá Zamora, limita-se a declarar que o sr. Samper pronunciou um discurso relatando os factos principais da politica interna e externa, e submetendo alguns decretos á assinatura presidencial.

Os ministros que antes haviam reunido sem o sr. Alcalá Zamora, para se ocuparem dos problemas da ordem publica, fizeram algumas declarações aos jornalistas, embora negassem que se tivessem ocupado da questão politica.

Assim, o sr. Salazar Alonso declarou que a noite fôra agitada e lhe não permitira repouso. O sr. Juan José Rocha disse que se iam apressar os orçamentos para serem apresentados ao Parlamento, e por aqui se pode concluir, autorizadamente, que no Conselho de hoje predominou a opinião partidaria de que o governo se deve apresentar em 1 de outubro ao Parlamento, dando conta da sua acção e declarando-se então a anunciada crise.

Os ministros foram depois almoçar com o sr. Lerroux. — (United Press).

Os ultimos acontecimentos

BILBAU, 13.—Chegaram, inesperadamente, a esta cidade, os srs. Azaña, Indalecio Prieto e Casares Quiroga, que se dirigiram imediatamente para a prisão de La Reynaga, onde foram visitar os dois alcaides e «consejales» que ali se encontram presos.

Azaña, falando aos presos, manifestou-lhes toda a sua simpatia e apoio, dizendo que eram vitimas da violencia dos tiranos da Espanha.

Os presos serão julgados pelo Tribunal de Urgencia no proximo sabado.—(United Press).

Revelações sensacionais

MADRID, 13.—Acerca da importante descoberta de armamento clandestino em San Estevan, de Pravia, o «Debate», na sua edição da manhã, afirma que o armamento se destina aos socialistas, que projectam, por ocasião da trasladação dos restos mortais de Galan e Hernandez, entrar na capital com 100.000 homens a fim de com um audacioso golpe de Estado se apoderarem do poder.—(United Press).

Alhambra
HOJE-ás 9,30 da noite
"DIVERSÕES,,
"Alhambra orquestra Jazz,,